

Universidade da Maia

Departamento de Ciências Sociais e do Comportamento



Violência no namoro em Cabo Verde:
Um estudo com jovens universitários/as

Arimery Antónia Monteiro Antunes, nº 34222

Dissertação de Mestrado em
Criminologia – Ramo da Justiça Penal

Orientação:

Professora Doutora Ana Sofia Antunes das Neves

Coorientação:

Professora Doutora Janete da Silva Borges

Julho de 2022



Agradecimentos

Aos meus pais e à minha avó por acreditarem em mim desde o primeiro instante. Por serem o maior exemplo de amor, humildade, perseverança, resiliência e força. Por me apoiarem incondicionalmente, e por terem sido a minha âncora durante estes longos cinco anos. Espero deixar-vos orgulhosos.

À professora Sofia Neves. Muito mais que uma orientadora, um exemplo de humildade, humanidade, amor pelo que faz, disciplina e conhecimento que levarei para a vida. Obrigada por todo o apoio, por todo o incentivo e disponibilidade que teve ao longo deste processo.

À professora Janete Borges, a minha salvação com o SPSS! Agradeço pela disponibilidade e paciência, e, principalmente, por me devolver o gosto pelo SPSS.

À Bárbara. Mais do que uma amiga, uma irmã que o ISMAI me trouxe. És e foste a peça fundamental no meu desenvolvimento pessoal, sem o qual não estaria a escrever os agradecimentos da minha dissertação. Por todo o apoio que me deste, pelo teu entusiasmo quando conseguia ultrapassar todos os obstáculos que fizeram parte deste percurso, por estares sempre presente, pelas tuas palavras de incentivo e, acima de tudo, por acreditares que eu era capaz de fazer isto mesmo antes de escolher o tema. Parceira, companheira e amiga para a vida!

Ao Guilherme e à Helena. O resgatador e a frozen convertida. Vocês foram fundamentais no meu percurso. Levo-vos com muito carinho, para a vida. Muito obrigada aos dois!

A todos/as aqueles/as que participaram do estudo, a todos/as os/as professores/as e funcionários/as das Universidades de Cabo Verde que ajudaram na divulgação do estudo.

A todos/as que fizeram parte deste processo, toda a minha gratidão!

Resumo

Considerada como preditora da violência na intimidade na idade adulta, a violência no namoro é um fenómeno que acarreta diversas consequências, não só para os intervenientes diretos, isto é, as vítimas e os/as ofensores/as, como para as suas famílias e para a sociedade, sendo considerada, a nível mundial, como um problema de saúde pública. De forma a compreender o fenómeno da violência no namoro em Cabo Verde, este estudo teve como objetivo caracterizar as relações de intimidade dos/as estudantes universitários/as, com especial foco nas crenças e práticas. A amostra é constituída por 301 estudantes universitários/as, que responderam a um questionário, dos quais 220 são do sexo feminino (73.1%) e 80 do sexo masculino (26.6%), com uma média de idade de 23.86 ($DP=6.112$). Foi possível concluir, neste estudo, que as mulheres apareceram maioritariamente como vítimas (73.1%), e que estas apresentam níveis de perpetração da violência ligeiramente superiores aos homens. Contudo, não é possível afirmar que as participantes do sexo feminino pratiquem mais violência do que os participantes do sexo masculino. A violência psicológica ($M= .57$; $DP=.844$), a física ($M=.12$; $DP=.393$) e a social ($M= .12$; $DP=.415$) são as tipologias de violência mais prevalentes entre estes jovens, sendo que os participantes do sexo masculino demonstram possuir mais crenças de género legitimadoras da violência do que as participantes do sexo feminino.

Palavras-chave: Violência no namoro; Cabo Verde; Universitários/as; Crenças; Práticas

Abstract

Considered a predictor of intimate partner violence in adulthood, dating violence is a phenomenon that has several consequences, not only for the direct actors, that is, victims and offenders, but also for their families and society, being considered, worldwide, as a public health problem. In order to understand the phenomenon of dating violence in Cape Verde, this study aimed to characterize the intimate relationships of university students, with a special focus on beliefs and practices. The sample consists of 301 university students who answered a questionnaire, of which 220 are female (73.1%) and 80 are male (26.6%), with a mean age of 23.86 ($SD=6.112$). It was possible to conclude, in this study, that women appeared mostly as victims (73.1%), and that they present slightly higher levels of perpetration of violence than men. However, it is not possible to say that female participants practice more violence than male participants. Psychological ($M=.57$; $SD=.844$), physical ($M=.12$; $SD=.393$) and social ($M=.12$; $SD=.415$) violence are the most prevalent types of violence among these young people, with male participants showing more gender beliefs that legitimize violence than female participants.

Keywords: Dating violence; Cape Verde; College students; Beliefs; Practice

Índice

Introdução	1
Parte I - Enquadramento Conceptual e Teórico.....	2
Capítulo I - Violência nas relações íntimas juvenis	2
1. Conceitos Gerais:.....	2
2. Violência no Namoro:.....	4
2.1.Conceito de Violência no Namoro	4
2.2.Tipologias de violência.....	6
2.3.Crenças, processos, dinâmicas e fatores de risco para a violência no namoro	7
2.4.Teorias explicativas da Violência no Namoro	10
2.4.1. Teoria da Aprendizagem social:	11
2.4.2. Teoria dos Papéis de Género:	11
2.4.3. Abordagem Interacionista:.....	12
2.4.4. Perspetivas Feministas:.....	13
a) Criminologia Feminista:	14
b) Interseccionalidade da violência	15
2.5.Impactos da violência no namoro para vítimas	15
2.6.Prevenção da violência no namoro	17
Capítulo II – Sociedade cabo-verdiana: enquadramento sociocultural	19

1. Enquadramento Legal da Violência no Namoro em Cabo Verde	20
2. Estudos realizados com a população cabo-verdiana.....	21
3. Situação do país relativamente à Violência Doméstica/ Violência Baseada no Género.....	24
Parte II – Parte Metodológica.....	26
Capítulo III - Método.....	26
1. Perguntas de partida, objetivos gerais e específicos	27
2. Hipóteses.....	28
3. Caracterização da amostra	30
4. Técnica de recolha de dados	31
5. Procedimentos e técnicas de tratamento e análise de dados	32
Capítulo IV - Apresentação e discussão dos resultados	34
1. Apresentação dos resultados	34
1.1. Análise descritiva	34
1.2. Análise inferencial.....	39
2. Discussão dos resultados	41
Parte III - Conclusões	48
Referências	51
Anexos.....	66

Introdução

A sociedade cabo-verdiana é considerada uma sociedade com uma grande influência de valores patriarcais, os quais afetam as relações sociais entre homens e mulheres, principalmente no que concerne à violência doméstica.

Atendendo ao facto de que não existe muita literatura recente acerca das relações íntimas desta população, muito menos da população universitária, esta dissertação surge com o intuito de contribuir para, não só chamar a atenção para a violência no namoro, como para tentar colmatar a falta de estudos neste sentido. Fornecer uma visão mais alargada e multidisciplinar sobre o fenómeno é premente para desconstruir estereótipos e contribuir para uma eficaz prevenção da violência no namoro.

Sabe-se que a violência no namoro é preditora da violência doméstica (Oliveira & Sani, 2009) e, neste sentido, urge conhecer e compreender as dinâmicas e especificidades dos relacionamentos íntimos dos jovens cabo-verdianos, de forma a adequar a prevenção e intervenção conforme as necessidades deste público-alvo.

Esta dissertação encontra-se dividida em três partes, subdivididas por quatro capítulos. A primeira parte diz respeito ao enquadramento concetual e teórico da violência no namoro: no primeiro capítulo é apresentada uma visão global sobre a violência no namoro, em termos de conceitos, tipologias, crenças, teorias explicativas, o impacto e prevenção da violência no namoro e, no segundo capítulo, é feito o enquadramento sociocultural da sociedade cabo-verdiana.

Na segunda parte da dissertação descreveu-se o método utilizado, os objetivos do presente estudo, as perguntas de partida, as hipóteses, as técnicas de recolha de dados, os procedimentos e as técnicas de análise e tratamento dos dados, a apresentação e a discussão dos resultados. A terceira parte apresenta as conclusões da investigação.

Parte I - Enquadramento Conceptual e Teórico

Capítulo I - Violência nas relações íntimas juvenis

1. Conceitos Gerais:

A relação entre os/as jovens, nomeadamente os seus relacionamentos íntimos, merecem especial atenção, na medida em que muitas vezes estes relacionamentos são pautados pela agressão e violência (Costa & Calvacanti, 2019). Conforme o Relatório Mundial sobre a Prevenção da Violência (OMS, 2014), a violência tem vindo a ser reconhecida como um fenómeno problemático para a justiça criminal, sendo esta considerada como um problema de saúde pública, desde 1996.

A violência corresponde, então, ao uso intencional de força física, poder, coação ou intimidação contra si próprio ou terceiros (sejam eles um grupo ou uma comunidade) que culmine, de algum modo, em ferimentos, morte ou danos psicológicos, lesando a integridade, os direitos ou as necessidades desse indivíduo (Manita et al., 2009; Dahlberg & Krug, 2002). Salienta-se que a violência existente nas relações de intimidade dos e das jovens tem sido apontada pela literatura como um fenómeno bastante grave, que acarreta diversas consequências para os indivíduos, pois o comportamento agressivo tende a acentuar a sua frequência e gravidade ao longo do tempo (Costa & Calvacanti, 2019).

Neste seguimento, a violência doméstica corresponde a qualquer conduta ou omissão de natureza criminal, de forma continuada, controlada e padronizada, que direta ou indiretamente é perpetrada contra qualquer pessoa que habite ou não no mesmo agregado familiar, isto é, quer seja um membro da família (filho/a, pai, mãe, avô/avó), ou que não coabitando seja um companheiro/a, ex-companheiro/a, namorado/a, ex-namorado/a, ou familiar, resultando em danos físicos, sexuais, psicológicos, sociais ou económicos para a vítima (APAV, 2010; Manita et al., 2009; CIG, 2016). A violência

doméstica é, infelizmente, um fenómeno bastante comum na sociedade hodierna que afeta vítimas de diversos “tipos” (Beleza, 2021, p. 11), e que engloba um conjunto de vários crimes entre eles a injúria, coação, violação, abuso sexual, homicídio, entre outros (APAV, 2010).

Por sua vez, a violência nas relações de intimidade (VRI) surge de forma a incluir toda a violência perpetrada entre companheiros/as, envolvidos/as em diferentes tipos de relacionamentos íntimos e não somente as relações conjugais, isto é, abarca as relações de namoro e os relacionamentos homoafetivos (Manita et al., 2009) com uma maior prevalência entre jovens adultos, dos 18 aos 24 anos, quando comparada com outras faixas etárias (Miller & McCaw, 2019). Costa & Calvacanti (2019), apontam que, muitas vezes, estas relações são caracterizadas pela assimetria de género.

O género é um fator que afeta as relações íntimas, familiares e profissionais entre homens e mulheres, na medida em que este é considerado um sistema que regula práticas sociais (Caridade et al., 2021). Este termo surgiu nas Ciências Sociais, como referencial teórico para compreender e analisar a desigualdade existente entre os homens e as mulheres na sociedade (Gomes et al., 2007). Para efeitos da Lei n.º 84/VII/2011 em Cabo Verde, conforme o artigo 3º, o género corresponde a uma “representação social do sexo biológico, determinada pela ideia das tarefas, funções e papéis atribuídos às mulheres e aos homens na sociedade e na vida pública e privada, bem como da relação que se desenvolve entre eles” (p. 69). O mesmo artigo ainda define a Violência Baseada no Género (VBG) como:

Todas as manifestações de violência física ou psicológica, quer se traduzam em ofensas à integridade física, à liberdade sexual, ou em coação, ameaça, privação de liberdade ou assédio, assentes na construção de relações de poder desiguais,

designadamente pelo ascendente económico, social, cultural ou qualquer outro, do agressor relativamente ao ofendido (Lei n.º 84/VII/2011, pp. 69-70).

Deste modo, podemos perceber que, não raras vezes, as questões de género podem levar às situações de violência nos relacionamentos íntimos, como veremos adiante, relativamente às teorias explicativas do fenómeno da violência nas relações íntimas.

Posto isto, podemos afirmar que a violência nas relações íntimas juvenis é uma problemática grave e de saúde pública (Caridade & Barros, 2018; Vives-Cases et al., 2019; Borges et al., 2020; Moreira & Costa, 2020), que afeta pessoas das mais diversas culturas e classes sociais (Miller & McCaw, 2019), e que não deve ser analisada isoladamente, mas sim como um fenómeno complexo que carece de intervenção (Oliveira & Sani, 2005). Esta passou a ser reconhecida a partir dos anos 80, e conhecida internacionalmente como “*dating violence*” ou “*Teen Dating Violence*” (Caridade, 2017).

2. Violência no Namoro:

2.1. Conceito de Violência no Namoro

Até a década de 80 do séc. XX, a violência no namoro era um fenómeno muito pouco estudado. Em 1981, foi desenvolvido um estudo pioneiro por Makepeace com estudantes universitários, que veio impulsionar o desenvolvimento de mais estudos neste sentido (Caridade & Machado, 2013), nomeadamente no que diz respeito aos modelos teóricos aplicados neste sentido, à prevalência da violência no namoro, à influência dos fatores de risco e a programas de intervenção e à prevenção neste âmbito (Rubio-Garay et al., 2017), que apresentam dados preocupantes acerca deste fenómeno (Neves, 2014a). O estudo desenvolvido por Makepeace sobre a natureza e prevalência da violência no namoro (Neves, 2014a) constatou que um/uma em cada cinco estudantes universitários/as estava envolvido/a em relações íntimas abusivas e 61 por cento (%) destes jovens

afirmaram ter conhecimento de outros/as jovens envolvidos em relações abusivas (Caridade, 2017).

Hoje, a violência no namoro é percebida como um fenómeno que afeta diferentes indivíduos no mundo, independentemente das suas posses socioeconómicas e status na sociedade em que estão inseridos, sendo afetados cada vez mais jovens em idade precoce (Neves, 2014b; Vives-Cases et al., 2019).

A violência no namoro envolve uma diversidade de comportamentos e atitudes abusivas que vão desde as mais subtis até às mais gravosas, numa relação de proximidade e intimidade, em que as vítimas deste fenómeno estão mais suscetíveis a passar por mais problemas de saúde física, psicológica e sexual comparativamente com os/as jovens que não experienciaram nenhum tipo de violência nas suas relações de intimidade, na medida em que o objetivo de uma das partes é de se colocar numa posição de poder e de dominação sobre a outra, com a intensão de a/o magoar e/ou controlar (Caridade, 2017; APAV, 2011). Por sua vez, Murray & Kardatzke (2007) enfatizam que a violência no namoro é, também, caracterizada pela existência de interesse emocional, romântico e/ou sexual, além da amizade, sendo que as partes envolvidas não são casadas, nem noivas e nem estão numa união estável, aplicando-se tanto a casais hetero, como homossexuais.

Pérez-Marco & colaboradores (2020) acrescentam à definição de violência no namoro a questão de que para além da violência perpetrada poder ser física, emocional/psicológica ou sexual, o *stalking* pode ser uma das formas de violência neste âmbito. Deste modo, a Organização Mundial da Saúde (OMS) (2015) reconhece que a violência no namoro é uma forma precoce de violência que ocorre na adolescência e início da idade adulta.

Considerando o impacto da cultura, a violência no namoro pode ser entendida como um comportamento adquirido pelo ambiente em que o indivíduo se insere, na medida em que determinadas condutas são baseadas naquilo que é aprendido através dos processos de socialização e reforçadas pela cultura e pelas normas sociais, onde comportamentos agressivos são, não raras vezes, normalizados, nomeadamente, em ambiente escolar (Ludin et al., 2018; Gonçalves et al., 2021; Neves & Torres, 2015; Mate et al., 2020).

Em suma, podemos considerar a violência no namoro como uma forma de violência de género baseada numa construção social e na desigualdade de poder entre os sexos, em que uma das partes controla e manipula a outra (Magalhães et al., 2017; Guerreiro et al., 2015).

2.2. Tipologias de violência

No que concerne às tipologias de violência existentes neste âmbito, destaca-se a violência física (e.g., empurrar, agredir, bofetadas, socos e pontapés, uso de armas brancas e de fogo, isto é, o uso de força física no geral), psicológica ou emocional (e.g., *bullying*, chamar nomes obscenos, afastar da família e amigos, uso verbal ou não de palavras com intenção de magoar, controlar, manipular ou causar dano a/ao parceira/o), sexual (e.g., relações sexuais ou toques sem consentimento da vítima, utilizando ameaças verbais ou físicas, *sexting*, disseminar conteúdo íntimo, isto é, fotos ou vídeos da vítima sem o seu consentimento, entre outros), e o *stalking* (padrão de comportamento repetitivo e contra a vontade da vítima com o objetivo de chamar a atenção desta ou de causar medo/insegurança para a vítima ou terceiros) (Breiding et al., 2015; CDC, 2016). A Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género (CIG, 2016) destaca, neste sentido, para além das mencionadas acima, o abuso económico, que está associado, muitas vezes, ao isolamento social, constituindo assim, uma forma de controlo em que o/a agressor/a nega à vítima acesso a bens essenciais ou ao dinheiro em si. Ressalva-se aqui também a

violência digital no namoro, enquanto uma tipologia de violência, que acarreta graves consequências para as vítimas deste fenómeno, que, devido ao avanço das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), tem vindo a tornar-se num fenómeno muito grave (Andrade et al., 2020; Niolon et al., 2017).

Um outro aspeto muito importante de ser salientado corresponde ao facto de que, muitas vezes, as vítimas acabam por ignorar formas mais “subtis” de violência nas suas relações, fator este que deve ser explorado (Mate et al., 2020), na medida em que este pode ser considerado um dos sinais de alerta de uma relação abusiva.

2.3. Crenças, processos, dinâmicas e fatores de risco para a violência no namoro

Considerando que o presente estudo pretende avaliar as crenças e práticas dos/das jovens universitários/as em Cabo Verde no que concerne à violência no namoro, torna-se extremamente necessário e pertinente compreender a influência das crenças de género nas suas atitudes e práticas, bem como as dinâmicas e processos associados à violência no namoro, de forma a facilitar o reconhecimento do problema e perceber qual a melhor forma de o encarar. Não se pode deixar de falar em crenças quando se fala em violência nas relações de intimidade juvenil. São as crenças as responsáveis pela legitimação ou não da violência, bem como pela ocorrência e persistência da mesma (Mate et al., 2020), com base nas representações sociais e no que cada indivíduo considera, ou não, como violento (Ventura et al., 2013).

Conforme João & Lourenço (2017, p. 11), “as crenças são representações simbólicas, com base nas línguas naturais, surgem das experiências individuais e definem uma relação entre objetos, sejam eles abstratos ou concretos, além de propriedades atribuídas a eles”, sendo estas criadas e expandidas através da interação genética, familiar, ambiental e da atribuição de significado às experiências individuais de cada indivíduo.

No estudo de Gonçalves & colaboradores (2021), que teve como objetivo identificar as crenças da comunidade luso-africana residente em Portugal sobre as relações de género, os autores salientam a questão de que a socialização diferenciada com base no género, nomeadamente baseada em valores machistas/patriarcais, faz com que estes legitimem mais a violência e, conseqüentemente, possuam crenças mais conservadoras em relação à violência nas relações íntimas. Para além da legitimação da “pequena violência”, o estudo demonstrou que os homens legitimam mais a violência na intimidade que as mulheres. O mesmo foi verificado com o estudo de Ventura & colaboradores (2013), realizado com o objetivo de identificar crenças e atitudes legitimadoras da violência nas relações íntimas de estudantes do ensino secundário e no estudo de Neves & colaboradores (2022), em que os resultados apontaram que quem pratica(ou) e sofre de violência no namoro apresentam crenças de género mais conservadoras do que quem não pratica(ou) e sofre de violência, e que os homens demonstraram possuir mais crenças de género conservadoras do que as mulheres; o que pode ser explicado pela transmissão de valores apreendidos culturalmente, desde a infância, no seio de uma sociedade patriarcal, enquanto impulsionador e normalizador deste fenómeno (Mate et al., 2020; Magalhães et al., 2017). Um outro fator que pode demonstrar a questão da influência da cultura patriarcal na legitimação da violência prende-se com o facto de que, em grande parte dos estudos, a maior parte das vítimas ser do sexo feminino (Gonçalves et al., 2021; Neves et al., 2022; INE, 2020), apesar de haver uma homogeneidade no que corresponde à vitimação, existindo vítimas do sexo masculino, pese embora, a mulher se destaque mais neste sentido.

De entre vários fatores que dificultam a saída da vítima de uma relação abusiva destaca-se o ciclo da violência. Este ciclo é um sistema circular constituído por três fases que variam mediante o tempo e intensidade para os indivíduos envolvidos (Walker, 2009;

APAV, 2010). Vale salientar que, um dos momentos que apresentam mais riscos para a vítima é quando esta decide pôr um fim a este ciclo, isto é, decide terminar a relação. Isto porque, muitas vezes, este momento é marcado pela intensificação da violência que pode inclusive levar à morte da vítima pelo facto do/a agressor/a não aceitar o término (CIG, 2016). Em Cabo Verde, de acordo o Plano Nacional para a Igualdade de Género – 2021/2025, em 2018, num total de oito (8) casos de homicídios de mulheres no contexto de um relacionamento íntimo, cinco (5) destes homicídios ocorreram em momentos de separação.

No que concerne aos fatores de risco para a violência íntima que aumentam o risco de ocorrência de violência, no estudo de Duval & colaboradores (2020) alusivo aos fatores de risco para a violência no namoro em estudantes universitários, para além do ambiente em que estes estão inseridos, da influência dos pares e da religião, destacaram, dentro dos fatores de risco individuais, os seguintes: o uso de substâncias, apontado também como fator de risco por Miller e McCaw (2019), as próprias características dos indivíduos, o género, as atitudes e crenças e os comportamentos sexuais de risco; relativamente aos fatores de risco familiares, salientaram a violência intergeracional e, no que concerne aos fatores de risco sociais, evidenciaram a questão do tipo/qualidade e duração da relação.

Já num estudo sobre os fatores de risco para a perpetração da violência no namoro (Vagi et al., 2013), para além do uso de substâncias, dos comportamentos sociais de risco e da qualidade dos relacionamentos apontados pelo estudo citado anteriormente, destacaram os seguintes: ansiedade e depressão, a aceitação da violência/normalização violência, comportamentos antissociais, conflitos familiares, nomeadamente entre pais e filhos e a negligência, o uso das redes sociais de forma agressiva e questões de sexo e etnia dos indivíduos. A normalização da violência foi, também, apontada no estudo de

Fernández-Antelo et al., (2020), como um fator de risco, para além da questão de que alguns jovens podem apresentar uma percepção distorcida daquilo que seria uma relação de namoro saudável, fator este que os pode levar a desenvolver relações abusivas futuras já que, a violência no namoro é preditor da violência doméstica (Oliveira & Sani, 2009). Salienta-se que a cultura patriarcal pode ser também percebida como um fator de risco, pela aceitação destes valores que levam à normalização e aceitação da violência, à culpabilização das vítimas, à submissão da mulher, ao poder do homem e ao papel que este desempenha na família, entre outros motivos (Ludin et al., 2018).

Posto isto, podemos concluir que não existe um único fator que leva à violência e à manutenção desta num relacionamento. Existe, sim, um conjunto de fatores que leva a vítima a manter a relação abusiva, nomeadamente as crenças inerentes aos indivíduos envolvidos, bem como o aumento gradual da intensidade e gravidade da violência.

2.4. Teorias explicativas da Violência no Namoro

As abordagens teóricas utilizadas para explicar as situações de violência juvenil são as mesmas desenvolvidas para explicar a violência em outros contextos relacionais, nomeadamente as relações conjugais, cujas possuem dinâmicas e contingências muito distintas (Caridade, 2017; Caridade & Machado, 2013). Existe uma evolução no que toca às correntes explicativas da VRI, destacando-se as explicações mais individualistas, passando pelas teorias diádicas-familiares e pelas socioculturais, sendo estas perspetivas bastante limitadas para a explicação do fenómeno em questão (Caridade, 2017; Caridade & Machado, 2013).

Relativamente às Teorias Intraindividuais, estas foram as primeiras a contribuir para a explicação da Violência Íntima (VI) no geral (Caridade & Machado, 2013). A tónica destas teorias centra-se no próprio indivíduo, isto é, a violência surge como

consequência das atitudes destes, e ainda devido a dificuldade de lidar com os seus sentimentos e frustrações (e.g. raiva e o ciúme). Importa também para estas teorias a questão da exposição prévia à violência (e.g. violência parental ou abuso sexual de crianças) e a presença fatores situacionais (e.g. abuso de substâncias psicoativas, conflitos relacionais, entre outros) (Caridade & Machado, 2013). Já no que concerne às Perspetivas Diádicas-familiares, estas atribuem grande importância aos ambientes de socialização dos indivíduos, nomeadamente o ambiente familiar e o grupo de pares (Caridade & Machado, 2013). Finalmente, para as abordagens socioculturais, a violência é desencadeada através de organizações sociais e culturais, dando ênfase às questões como as desigualdades entre os grupos sociais, a etnia e as normas e valores dessa sociedade (Dias, 2012).

2.4.1 Teoria da Aprendizagem social:

A Teoria da Aprendizagem Social preconizada pela abordagem intergeracional da violência sugere que a aprendizagem é feita através da observação e reprodução de três mecanismos: a associação, o reforço e a imitação, sendo o comportamento dos indivíduos determinado pelo ambiente em que estes se inserem, principalmente através do contexto familiar (Foo & Margolin, 1995). Assim, podemos afirmar que jovens expostos a situações violentas, quer no meio familiar, quer no meio social, podem vir a reproduzir e/ou tolerar estes mesmos comportamentos nas suas relações futuras (Caridade, 2017), contudo, esta não é uma regra. Esta teoria pode também explicar o facto de as crianças, desde cedo, associarem determinados comportamentos específicos, estereotipados pela cultura em que se inserem, como sendo adequados para o seu sexo (Bem, 1983).

2.4.2. Teoria dos Papéis de Género:

Esta teoria dá ênfase aos papéis que são atribuídos aos indivíduos numa determinada sociedade, baseadas em expectativas dessa sociedade relativamente àquele

indivíduo, bem como ao seu processo de socialização, que influenciam a violência nas relações íntimas (Santos et al., 2019; Nogueira, 2001; Neto, 1998). Deste modo, a sociedade hodierna acaba por reproduzir a desigualdade social, devido ao que se espera socialmente do comportamento de homens e mulheres (Gomes et al., 2007).

Assim sendo, nas relações familiares baseadas em relações de poder, a mulher é inferiorizada em grande parte das sociedades que possuem uma base cultural patriarcal, no que concerne aos seus papéis de género em relação ao homem, pois nestas situações o seu poder é socialmente legitimado (Gomes et al., 2007). Deste modo, a assimetria relativamente aos papéis de género, é, muitas vezes, responsável por criar um ambiente familiar violento, devido a esta imposição normativa, em que o uso da violência é legítima caso uma das partes não cumpra com o seu papel previamente estipulado, podendo existir uma tendência em reproduzir estes comportamentos violentos de geração em geração (Gomes et al., 2007), sendo que quanto mais conservadoras forem as noções acerca do género, maior será a naturalização e normalização do poder do homem sobre a mulher (Saffioti, 2001).

2.4.3. Abordagem Interacionista:

Esta abordagem surgiu nos anos 80, e considera que o género surge devido à interação social, isto é, não é uma construção nem uma característica individual (Dias & Machado, 2008). Assim, o género surge através das interações quotidianas com os demais indivíduos da sociedade, sendo esta, então, uma consequência desta mesma interação. Importa perceber como a violência produz a masculinidade e não o inverso (Dias & Machado, 2008). A violência está, diversas vezes, associada ao sexo masculino, como sendo uma afirmação de masculinidade e como uma forma de exercer controlo, legitimada pela sociedade e, assim sendo, a violência que é exercida por parte da mulher difere da praticada pelo homem (Dias & Machado, 2008).

2.4.4. Teorias Vitimológicas:

Na Vitimologia, as teorias *Blaming the victims*, fortemente influenciadas pelo positivismo Criminológico devido à concepção da vítima nata, culpabilizavam as vítimas pelo seu processo de vitimação (Neves & Fávero, 2010). Dentro desta ótica, a vítima de violência nas relações íntimas é responsável pela sua vitimação devido às suas características ou comportamentos individuais.

Neste seguimento, surgem as teorias da oportunidade, que abordam esta questão de forma mais contextual, ecológica e social, marcando a transição do positivismo para um paradigma radical (Neves & Fávero, 2010), englobando noções como o risco, a oportunidade e a vulnerabilidade das vítimas. Demonstram que as vítimas da violência nas relações íntimas estão mais expostas e mais propícias à vitimação, na medida em que o estilo de vida destas pode propiciar o contacto direto com os/as ofensores/as e estando estes/as no mesmo ambiente e sem vigilância, muitas vezes, acaba por facilitar o ato criminoso. Dentro da Vitimologia radical, destaca-se também as perspetivas sócio-estruturais, institucionais e culturais, como forma de explicar a vitimação. Aqui, a vitimação é vista de forma holística, tendo em consideração o contexto da própria vitimação e a forma como a sociedade reage a este crime (Neves & Fávero, 2010). A explicação para a vitimação nas relações íntimas dá-se pela questão da própria sociedade e a sua estrutura levar à vitimação, salientando problemas como o sexismo, o heterossexismo, o racismo e a vitimação de género, entre outros (Neves & Fávero, 2010).

2.4.5. Perspetivas Feministas:

O movimento feminista surgiu na década de 70 dando ênfase às questões de género e violência íntima, reconhecendo a influência da cultura na violência, bem como das mensagens sociais e culturais na normalização da violência na intimidade (Caridade

& Machado, 2013). Estas perspectivas trouxeram à Criminologia uma nova forma de analisar, entre outras temáticas, a violência de gênero, colaborando, desta forma, para o desenvolvimento da investigação científica neste sentido, através de formas alternativas de investigação (Neves & Fávero, 2010). Conforme esta perspectiva, a violência contra a mulher é considerada uma forma de controle social utilizado para manter a subordinação social e o status político da mulher por parte do homem, sendo esta violência resultado da cultura patriarcal de cada sociedade, onde estes valores estão institucionalizados em diversos níveis e formas (Marin & Russo, 2014).

O sistema patriarcal, para estas perspectivas, é o responsável por promover a desigualdade de gênero, sendo de salientar também como fatores que promovem a violência o poder económico masculino, o isolamento social da mulher e ainda as normas culturais no que concerne a submissão e castidade da mulher (Caridade & Machado, 2013). De um modo geral, de entre outras teorias e abordagens, os movimentos feministas desempenharam um papel de extrema importância para a visibilidade do fenómeno da violência, na medida em que este deixa de ser considerado um problema “individual” da vítima e passa a ser considerado uma violação dos Direitos Humanos (Costa & Calvacanti, 2019; INE, 2020).

a) Criminologia Feminista:

A criminologia feminista veio criticar a literatura criminológica, de uma perspectiva feminista, no que toca às questões patriarcais e androcentristas e à falta de estudos sobre as mulheres nesse meio (Hernández, 2021). No que concerne à violência contra as mulheres, Hernández (2021) afirma que todas as violências praticadas contra as mulheres são de interesse para a criminologia feminista. Ademais, a autora conclui que este tipo de violência é praticado num contexto assimétrico, sendo esta persistente e severa, com o objetivo de controlar as mulheres, salientando a questão do controle, do

patriarcado e dos próprios valores dessa sociedade, além da influência do sistema de justiça e dos meios de comunicação social neste âmbito.

b) Interseccionalidade da violência

A interseccionalidade da violência trata-se de uma linha de investigação que, numa tentativa de compreensão mais holística deste fenómeno, tenta perceber como determinados ingredientes estruturais levam à vitimação (Neves & Fávero, 2010). White (2009), defensora desta teoria, advoga que o comportamento agressivo na adolescência pode ser influenciado por narrativas sobre a assexualidade, violência e questões de género, raça/etnia, classe social, orientação sexual e questões relacionadas com poder.

Posto isto, salienta-se, também, que abordagens mais recentes de explicação da violência íntima procuram explorar o papel de fatores de risco ao nível da vitimação e perpetração da violência e o tipo de relação existente entre si (Caridade, 2017).

2.5. Impactos da violência no namoro para vítimas

No que concerne à vítima, esta pode apresentar, devido à violência sofrida, diversos tipos de consequências, tanto a nível psicológico, nomeadamente a ideação suicida (Caridade & Barros, 2018), o sentimento de medo, de vergonha e culpa, perda de apetite, depressão, ansiedade, comportamentos antissociais, baixa autoestima, alterações de padrão de sono e isolamento social, entre outros; como a nível físico, particularmente lesões corporais, hematomas, feridas, perda de cabelo; a nível sexual, destacando as disfunções e doenças sexuais e os comportamentos sexuais de risco e a nível económico, além do uso de substâncias psicotrópicas, a morte da vítima (Neves, 2014b; Andrade et al., 2021; CIG, 2016; APAV, 2010) e ainda problemas a nível da saúde sexual e reprodutora (Miller & McCaw, 2019).

Para além das consequências descritas acima, sabe-se que diversas vítimas apresentam um quadro de Perturbação de Stresse Pós-Traumático - PTSD, que pode ser exacerbado devido à frequência, severidade e tipo de maus-tratos sofridos, o contexto em que ocorre a violência, a história prévia de vitimação, a gravidade de danos, a ausência de uma rede social de apoio, e ainda, devido a escassez de recursos, nomeadamente pessoais, familiares, sociocomunitários e institucionais disponíveis para a vítima (CIG, 2016). Relativamente às consequências para a saúde dos adolescentes neste âmbito, sabe-se que estas prolongam-se até a idade adulta, e tanto as vítimas como os ofensores tendem a possuir baixa autoestima, sentimentos de culpa, medo, ansiedade, raiva e dor, de um modo geral (Pérez-Marco et al., 2020).

A Pandemia da Covid-19, que tem vindo a assolar o mundo desde 2019, obrigou as pessoas a entrar em confinamentos obrigatórios de modo a evitar o contágio da doença por longos períodos de tempo, o que, conseqüentemente, fez aumentar ou até desenvolver novos conflitos familiares, sendo que a convivência com o/a agressor/a fez aumentar, de forma geral, os casos de violência doméstica (Poiares, 2020). Deste modo, a pandemia demonstrou ter um impacto negativo, tanto para as vítimas como os/as ofensores/as deste fenómeno.

A pandemia trouxe à tona diversos aspetos como a convivência com o/a agressor/a, o desemprego o uso de álcool e outras drogas e medicamentos (Poiares, 2020) como forma de aliviar as preocupações associadas à pandemia, mas que exacerbam a probabilidade de existir episódios de violência, acarretando diversas consequências para as vítimas diretas e indiretas da violência doméstica.

Moreira & Costa (2020) afirmam que as situações que aumentaram o stress nos relacionamentos, bem como as dinâmicas de relacionamento baseadas no controlo, no isolamento e manipulação das vítimas foram fatores que aumentaram a perpetração da

violência, pois, estas atitudes fizeram diminuir as capacidades das vítimas de se protegerem da violência, identificarem-se como vítimas e de pedir ajuda, principalmente durante a pandemia, que dificultou o acesso aos serviços de saúde ou outros serviços.

O estudo de Gama & colaboradores (2021), sobre a violência doméstica em tempos da Covid-19 constatou que durante esse período existiu a coocorrência de diferentes tipos de violência, nomeadamente a psicológica, a física e a sexual. Ademais, o estudo apontou os sentimentos de mal-estar e stress, a ideação suicida e danos autoinfligidos como consequências diretas da vitimação neste âmbito. Assim como apontado por Poiares (2020), o estudo demonstrou a existência de uma relação entre consumo de álcool, outras drogas e medicamentos e a vitimação da violência.

Em jeito de conclusão, a violência acarreta as mais variadas consequências para as vítimas e, até, para os/as ofensores/as, sendo esta uma problemática social, de saúde pública e política que necessita de medidas nestes âmbitos, de modo a mitigar a violência perpetrada em contextos íntimos.

2.6. Prevenção da violência no namoro

Atendendo ao impacto da violência no namoro nas vítimas, principalmente no que concerne à vulnerabilidade destas e ao facto deste tipo de violência poder potenciar outras formas mais graves de abuso (Caridade et al., 2012), a prevenção da violência no namoro surge como um dos mecanismos mais importantes no combate a este fenómeno.

Tendo em consideração que a literatura enfatiza a questão de a violência no namoro poder se prolongar até se tornar em violência doméstica futuramente, como referido anteriormente (Oliveira & Sani, 2009), a prevenção primária da violência torna-se fulcral (Guerreiro et al., 2015).

Os programas de prevenção atribuem aos indivíduos competências que os ajudarão a compreender este fenómeno, bem como ferramentas que os permitam resolver conflitos pessoais, promovendo relacionamentos saudáveis (OMS, 2015). Os jovens devem ser vistos como agentes ativos de mudança, dotados não só da capacidade e vontade de desconstruir mitos, bem como de adquirir competências e saber usá-las de forma concertada, refletindo sobre os seus comportamentos e tomando decisões responsáveis em prol da construção de relacionamentos saudáveis (Caridade & Machado, 2013). Assim, salienta-se que os programas de prevenção devem abarcar não só os indivíduos diretamente envolvidos neste fenómeno, principalmente em idades precoces, como também a família, grupo de pares, os membros da escola/universidade e a própria sociedade de forma a intensificar a eficácia destes programas (Caridade & Machado, 2013). As escolas e universidades correspondem ao ambiente formal educacional, que trabalham, entre outros aspetos, a questão da promoção da educação para a cidadania de todos os alunos em idade propícia para consciencialização e desmistificação de estereótipos e crenças, tornando-se, espaços ideais para a promoção destas competências através dos programas de prevenção (Costa & Calvacanti, 2019; Guerreiro et al., 2015).

Considerando as competências do/a Criminólogo/a presentes na Lei n.º 70/2019 que regula a profissão do/a criminólogo/a e estando este apto para conceber e executar “programas de prevenção da criminalidade e de avaliação do risco de reincidência” (alínea c) do n.º 1 do art.º 4º da Lei n.º 70/2019, p. 4), a Criminologia, aliada aos propósitos da prevenção, torna-se essencial para, não só perceber as especificidades da violência no namoro, como também, permite-nos ter ferramentas que ajudam a perceber como prevenir e intervir na violência no namoro em Cabo Verde. Assim, evidencia-se a importância de perceber e compreender, de forma holística, as especificidades deste

fenómeno de forma a conseguir desenvolver mecanismos de prevenção da violência no namoro cada vez mais eficazes (Guerreiro et al., 2015).

Capítulo II – Sociedade cabo-verdiana: enquadramento sociocultural

Muitos esforços têm vindo a ser feitos em Cabo Verde desde a luta para a libertação do país (INE et al., 2015), relativamente às disparidades que existem nas relações entre mulheres e homens, pese embora ainda haja um longo caminho a percorrer.

Cabo Verde é um dos países onde as questões de género são efetivamente um problema a ser resolvido. A assimetria existente entre os sexos, aliada ao facto de Cabo Verde ser considerado um país patriarcal e conservador relativamente às questões de género, leva a que haja uma desigualdade entre homens e mulheres, sendo o papel dos homens o dominante (Neves & Torres, 2016). No que às relações de intimidade juvenil em Cabo Verde diz respeito, denota-se que estas seguem o mesmo padrão de relações na intimidade adulta, onde as mulheres são, muitas vezes, submissas e dependentes dos homens em vários aspetos, devido à forma como é expectável que uma mulher se comporte socialmente (Neves & Torres, 2015).

Desde a independência de Cabo Verde, a 5 de julho de 1975, as questões da desigualdade de género têm ganhado cada vez mais espaço no debate social e político. No que concerne ao desenvolvimento de Planos e Inquéritos destinados a contribuir para a igualdade de género, destaca-se que em 1996 surgiu o primeiro Plano de Ação Nacional de Promoção da Mulher (1996-2000); em 2005 foi elaborado o Plano Nacional de Igualdade e Equidade de Género (2005-2011), sendo a versão mais atual o Plano de 2021 a 2025 e, neste mesmo ano, o II Inquérito Demográfico sobre Saúde Sexual e Reprodutiva (IDSR-II) englobou as questões relativas à Violência Doméstica no inquérito (INE et al.,

2015). Em 1980, Cabo Verde ratificou a Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres, e, desde então, tem vindo a comprometer-se com outras convenções, tratados e resoluções internacionais e regionais, como a Plataforma de Ação de Beijing e o Protocolo de Maputo (INE et al., 2017).

1. Enquadramento Legal da Violência no Namoro em Cabo Verde

Relativamente ao ordenamento jurídico cabo-verdiano, em 2011 foi criada a Lei n.º 84/VII/2011 de 10 de janeiro, que veio regular as medidas para efetivar o princípio da igualdade de género em Cabo Verde, através do estabelecimento de medidas para prevenir e reprimir o crime da Violência Baseada no Género (VBG) (n.º 1 e 2 do artigo 1º). A Lei da VBG veio assegurar o exercício dos direitos das vítimas (alínea a) do art.º 4º), promover as obrigações especiais do Estado cabo-verdiano na adoção de políticas de prevenção, assistência e repressão da VBG (alínea b) do art.º 4º), criar/reforçar estruturas de combate à VBG (alínea c) do art.º 4º), assegurar a resposta célere, especializada e eficaz às vítimas (alínea d) do art.º 4) e assegurar que os direitos constantes desta lei estão garantidos igualmente a estrangeiros residentes em Cabo Verde, independentemente da sua situação (alínea e) do art.º 4º). Deste modo, observa-se que a presente lei contempla medidas de prevenção, sensibilização e proteção às vítimas, bem como medidas judiciais e medidas que visem a recuperação do agressor (Decreto-Lei n.º 8/2014 de 27 de janeiro). Dois anos após a entrada em vigor desta lei, ficou claro que a inexistência de estruturas, serviços e políticas que seriam necessárias para a eficácia desta lei fizeram com que a aplicação desta fosse deficitária (Decreto-Lei n.º 8/2014 de 27 de janeiro). Foi neste sentido que foi desenvolvida o Decreto-Lei n.º 8/2014 de 27 de janeiro, para regulamentar a Lei da VBG, numa tentativa de colmatar estas falhas.

O artigo n.º 134º do Código Penal cabo-verdiano de 2015, intitulado “maus-tratos a cônjuge” refere-se a “maus-tratos físicos ou psíquicos ou tratamentos cruéis”, infligido

a seu cônjuge ou a pessoa com quem está unido de facto, “será punido com pena de prisão de 1 a 4 anos, se pena mais grave não lhe couber por força de outra disposição legal” (Código Penal de Cabo Verde, 2015, p.215). A Lei n.º 117/IX/2021 veio incluir alterações ao Código Penal cabo-verdiano, adicionando ao referido artigo n.º 134º, para além do cônjuge, a pessoa com quem se vive em união de facto. Incluiu-se também no ordenamento jurídico cabo-verdiano a Violência Baseada no Género, no seu artigo n.º 131º-C, que postula que o indivíduo “em razão do género e no exercício de um poder, de forma isolada ou recorrente” (Código Penal de Cabo Verde, 2021, p. 446), que praticar quaisquer atos de violência previstos no n.º 6 deste mesmo artigo é punido com pena de prisão de 1 a 5 anos. O n.º 2 deste mesmo artigo salienta que esta conduta é punível não só em relacionamentos recentes como também os passados, quando “existir ou tiver existido entre o mesmo e a vítima uma relação de intimidade, afetividade, casamento ou união de facto, reconhecível ou não (...)”, abrangendo o âmbito doméstico, familiar e qualquer outra relação íntima de afeto, independentemente da coabitação (Código Penal de Cabo Verde, 2021, p. 447).

2. Estudos realizados com a população cabo-verdiana

Em relação a estudos feitos com estudantes imigrantes cabo-verdianos, salienta-se o estudo intitulado “Violência e representações sociais de género: discursos de jovens imigrantes cabo-verdianos” (Torres 2014), concluiu que na população analisada a violência na intimidade atingiu níveis preocupantes, existindo uma mutualidade entre a perpetração e vitimação destes comportamentos, destacando-se a tendência para legitimar o controlo do homem sobre a mulher, ficando claro que que, socialmente as mulheres têm direitos e deveres diferentes dos homens. Existe também, a tendência de culpabilizar a vítima, sendo de salientar que todas estas questões acima descritas, devem-se muitas

vezes à representação assimétrica de género que existe em Cabo Verde, sendo este um país bastante conservador relativamente às questões de género (Neves & Torres, 2016).

Num estudo comparativo entre jovens cabo-verdianos e portugueses do ensino secundário relativamente às questões de violência nas relações íntimas (Neves et al., 2016), concluiu-se que as taxas de violência no namoro eram maiores nos jovens cabo-verdianos em comparação com os jovens portugueses, devido ao facto de haver mais relatos de abuso físico grave dos participantes masculinos. Os jovens cabo-verdianos também demonstraram possuir mais crenças tradicionais neste sentido, sendo que os jovens do sexo masculino demonstraram ter menos consciência da gravidade das suas condutas. Um outro estudo, cujo objetivo foi caracterizar as crenças, atitudes e práticas violentas entre parceiros, em alunos cabo-verdianos residentes em Portugal (Neves et al., 2019a), concluiu que tanto os jovens do sexo masculino como as do sexo feminino foram vítimas e agressoras em relações de namoro. No que concerne à vitimização através da violência psicológica, verificou-se que esta foi significativamente maior nos jovens do sexo masculino. O estudo salientou também que o medo da rejeição por parte do parceiro/a é preditor de crenças que legitimam a violência, levando à minimização de determinados atos de violência perpetrados, sendo de salientar, neste ponto, a influência das normas culturais.

O estudo multicêntrico de Monteiro & colaboradores (2019), sobre a violência nas relações de intimidade envolvendo adolescentes à luz de género e geração, relativamente aos resultados provenientes dos adolescentes cabo-verdianos, concluiu que existe relação entre violência e género e demonstrou, ainda, que as adolescentes do sexo feminino praticaram mais agressões do que os adolescentes do sexo masculino, facto este que veio contrariar a questão de que seria expectável considerar a cultura cabo-verdiana como machista, bem como a grande parte da literatura que demonstra que os homens são mais

violentos que as mulheres neste contexto. Salienta-se, também, que grande parte das adolescentes do sexo feminino relacionam-se/relacionaram-se com parceiros mais velhos, o que, de certo modo, acarreta um conjunto de implicações, pois a variação de idades pode estimular relações desiguais, enraizadas na vulnerabilidade, submissão e dependência relativamente ao parceiro/a mais velho/a (Monteiro et al., 2019). Ademais, tem-se vindo a demonstrar que o ou a jovem que é exposto a relacionamentos íntimos violentos durante a adolescência possui um maior risco de se tornar vítima ou até agressor/a contra a/o companheiro/a na idade adulta (OMS, 2015).

No livro intitulado “Se causa dor não é amor – Relatos de Violência no Namoro em Cabo Verde” (Medina, 2020), baseado em 12 relatos reais de vítimas de Violência no Namoro em Cabo Verde, a autora, através desses discursos, chega a conclusões que nos podem ajudar a perceber melhor os dados acima apresentados, bem como a influência da cultura nos comportamentos dos indivíduos. Segundo Medina (2020), através dos relatos, em grande parte dos casos, a família não está presente na vida destas vítimas, isto é, muitas vezes as vítimas não são educadas no sentido de perceberem o que são relações saudáveis. Um outro fator foi a questão da aprendizagem dos papéis sociais de género que, de forma inevitável, está plasmado no comportamento destes jovens. A autora destaca, como sendo medidas urgentes para lidar com esta problemática, para além da questão da educação dos jovens, a melhoria da aplicação das leis, para que as vítimas se sintam mais acolhidas e, ainda, que a implementação da lei seja feita de forma efetiva, além da necessidade de se fazer esforços no sentido de melhorar as políticas públicas e de prevenção e promoção de comportamentos saudáveis e, ainda, afinar os conceitos neste âmbito.

Posto isto, e, considerando todos os dados descritos acima, apesar de não haver dados específicos sobre a violência no namoro, podemos considerar que a violência no

namoro em Cabo Verde pode ser vista como um problema de saúde pública (Medina, 2020), que carece de atenção e intervenção de forma consistente, sendo fundamental a desconstrução de crenças enraizadas devido à cultura patriarcal.

3. Situação do país relativamente à Violência Doméstica/ Violência Baseada no Género

Apesar de não existirem muitos estudos realizados em Cabo Verde para mapear as questões de Violência Doméstica e, especialmente, a violência no namoro, existem dados provenientes de Inquéritos que nos demonstram um pouco da realidade cabo-verdiana no que concerne à Violência Doméstica/Violência Baseada no Género.

Assim, dados do II Inquérito Demográfico e de Saúde Reprodutiva (IDSR-II) (INE et al., 2008) indicaram, de forma geral, que no que concerne à Violência Conjugal, relativamente às tipologias de violência, 17% das mulheres já foram vítimas de violência física; 14% de mulheres já foram vítimas de violência emocional e 4% já foram vítimas de violência sexual, sendo que uma em cada cinco mulheres já sofreu pelo menos um episódio de violência física no último ano (21%), desde os 15 anos de idade. Apesar de não englobar números relativos à Violência no Namoro em concreto, através do inquérito podemos perceber dados bastante preocupantes na faixa etária dos 15-19 anos (16,3%).

Por sua vez, os dados mais recentes do IDSR-III (INE, 2020), relativos ao ano de 2018, recolhidos junto de mulheres casadas e não casadas, desde os 15 anos, apontam que, de forma geral, houve ganhos no que concerne à luta para a igualdade de género. De acordo com este Inquérito, 14% destas mulheres já foram vítimas de violência emocional; 11% de violência física; e 6% de violência sexual. Em todos os casos, destacam-se como autores da violência perpetrada os maridos/companheiros, ex-maridos/ex-parceiros ou atual marido/parceiro. O facto de os ofensores serem maioritariamente homens é

corroborado pelo relatório sobre Mulheres e Homens em Cabo Verde – Factos e Números de 2017 (INE et al., 2017), que indicou que 89,5% dos agressores são do sexo masculino.

Relativamente à violência física, os dados demonstram que a incidência da violência diminui com o nível de escolaridade da vítima: 19% das vítimas possuíam o nível primário e 6% o pós-secundário. O mesmo acontece com os níveis de violência conjugal: 25% das vítimas possuíam o ensino básico e esta percentagem passa para 16% quando as vítimas possuem um nível secundário (INE, 2020). Ademais, de acordo com o Inquérito, quanto maior o controlo exercido pelo marido/parceiro, maior a prevalência de violência conjugal, salientando, também, que quanto mais instruídos forem os homens, menor será a violência perpetrada contra as mulheres: 21% dos maridos que perpetraram a violência possuíam o ensino básico e apenas 4% destes o nível pós-secundário.

No que diz respeito à violência perpetrada pela mulher contra o homem, os dados demonstram que 9% das mulheres afirmou ter cometido atos de violência física contra o marido/parceiro, sem que tenha havido algum comportamento violento por parte deste, à priori. Contudo, salienta-se que a percentagem de mulheres agressoras é maior naquelas que foram vítimas de violência física por parte do marido: 26% destas já foram agredidas previamente e 3% nunca haviam sofrido violência prévia por parte dos maridos/parceiros (INE, 2020).

Podemos concluir, ao observar os dados, que em 2018, 11% das mulheres cabo-verdianas sofreram violência física, em comparação com o ano de 2005 em que esta taxa era de 21%, havendo, uma diminuição de metade aquando desta tipologia. Contudo, considerado a violência sexual, esta aumentou de 4% em 2005 para 6% em 2018. A prevalência da violência emocional, por sua vez, manteve-se.

Nota-se que Cabo Verde tem vindo a fazer um grande trabalho através de campanhas, palestras, criação de leis, e, também, com o engajamento das autoridades juntamente com a sociedade em prol da visibilidade e sensibilização a estas questões, na medida em que esta sociedade aparenta estar cada vez mais consciente de que a violência não é justificável em nenhum sentido. Contudo, ainda há um longo caminho a percorrer, como dito anteriormente.

É crucial que o país continue a investir cada vez mais na promoção da igualdade de género, tanto a nível de formações, palestras, programas de prevenção e sensibilização, bem como na investigação científica, a fim de mitigar esta problemática.

Parte II – Parte Metodológica

Capítulo III - Método

A segunda parte desta dissertação é destinada ao fornecimento de informação relativa ao processo de investigação, nomeadamente: a natureza do estudo, as questões de investigação e hipóteses a serem testadas conforme a revisão da literatura apresentada acima. Ainda, será descrita a amostra, os instrumentos e procedimentos utilizados para a obtenção e tratamento dos dados necessários para a investigação e, finalmente, no capítulo IV serão apresentados os resultados obtidos.

O presente projeto enquadra-se no paradigma sociocrítico, tendo por base uma metodologia quantitativa. O estudo pretende descrever, analisar, interpretar e ainda verificar hipóteses, tendo como base a revisão da literatura. O conhecimento proveniente deste estudo é situado enquadrando-se numa estrutura social particular (Coutinho, 2018a).

Assim, tendo por base a metodologia quantitativa, recorreu-se a análise descritiva e inferencial dos dados. Relativamente à análise descritiva foram obtidas as medidas de frequência, tendência central e dispersão da amostra, com o objetivo de descrever os inventários e os dados sociodemográficos (Martins, 2011; Coutinho, 2018b), e, no que toca à análise inferencial, pretendeu-se avaliar a associação entre determinadas variáveis e diferenças de médias de variáveis entre grupos, isto é, foram utilizados testes de correlação e de diferenças, inter e intra-sujeitos.

1. Perguntas de partida, objetivos gerais e específicos

Este estudo surge devido à necessidade de conhecer as especificidades da violência no namoro em Cabo Verde, de permitir fazer o seu mapeamento, e, ainda, como forma de tentar colmatar a falta de estudos realizados em Cabo Verde sobre a violência no namoro na população universitária numa perspetiva criminológica.

Considerando este panorama, a pergunta de partida que orientou este trabalho foi a seguinte: Como se caracterizam as relações de intimidade dos/as jovens universitários/as cabo-verdianos? E mais concretamente: Quais as crenças sobre as relações sociais de género dos/as jovens cabo-verdianos/as? Qual a influência destas crenças nas relações de intimidade destes/as jovens? Existem diferenças de género nas crenças sobre a violência no namoro dos/as jovens cabo-verdianos/as?

Para responder às questões de partida, foram delineados os seguintes objetivos gerais:

- a) Caracterizar as crenças dos/as estudantes universitários/as sobre as relações sociais de género;
- b) Analisar a proporção da violência praticada e sofrida nas relações de namoro de estudantes universitárias/os;

- c) Descrever os comportamentos de violência no namoro sofridos e perpetrados por estudantes universitárias/os.

Os objetivos específicos pretendem:

- a) Descrever as crenças dos/as estudantes universitários/as sobre as relações sociais de género e sobre a violência no namoro;
- b) Perceber se as crenças de género dos/as estudantes universitários/as têm influência sobre a perpetração e a vitimação da violência no namoro;
- c) Descrever e perceber a incidência das diferentes tipologias de violência praticadas e sofridas pelos/as estudantes universitários/as nas suas relações de namoro;
- d) Averiguar se existem diferenças em função do sexo na perpetração e vitimação da violência no namoro;
- e) Averiguar a perceção dos/as jovens relativamente ao impacto da pandemia do Covid-19 nas relações de namoro dos/as estudantes universitários cabo-verdianos.

2. Hipóteses

As hipóteses que irão orientar o presente projeto, com base na pergunta de partida e nos objetivos apresentados anteriormente, são as seguintes:

Problema 1: Será que existem diferenças estatisticamente significativas na vitimação por violência no namoro em Cabo Verde em função do sexo?

H0 = Não existem diferenças da média da vitimação entre o sexo feminino e o sexo masculino;

H1 = As mulheres são mais vitimadas do que os homens;

Problema 2: Será que existem diferenças na perpetração da violência no namoro em Cabo Verde em função do sexo?

H0 = Não há diferenças da perpetração com base no sexo;

H1 = Os homens praticam mais violência que as mulheres.

Problema 3: Serão a violência física e psicológica as formas mais comuns de violência perpetradas entre os/as jovens cabo-verdianos/as?

H0 = A violência física e psicológica não são as formas de violência mais comuns perpetradas, neste âmbito;

H1 = A violência física e psicológica são as mais perpetradas.

Problema 4: Existem diferenças entre a média das crenças de género em função da vitimação da violência no namoro?

H0 = Não existe diferença das médias de crenças de género em função da vitimação da violência no namoro.

H1 = Existe diferença das médias de crenças de género em função da vitimação da violência no namoro em que sentido.

Problema 5: Existem diferenças entre a média das crenças de género em função da perpetração da violência no namoro?

H0 = Não existe diferença das médias de crenças de género em função da perpetração da violência no namoro.

H1 = Existe diferença entre média das crenças de género em função da perpetração da violência no namoro em que sentido.

Problema 6: Será que existem diferenças relativas às médias das crenças de género dos/as jovens cabo-verdianos/as, em função do sexo?

H0 = Não existem diferenças relativas às médias das crenças de género dos/as jovens cabo-verdianos/as, em função do sexo.

H1 = A média das crenças de género nos homens é maior que a média de crenças de género nas mulheres.

3. Caracterização da amostra

A amostra do presente estudo é não aleatória e criterial pois existem critérios de seleção, nomeadamente: frequentar o ensino superior em Cabo Verde, compreender fluentemente a língua portuguesa e ainda não ter respondido previamente ao questionário. É ainda uma amostra por conveniência, na medida em que é dirigido a um grupo de pessoas desenvolvendo-se nesse contexto (Coutinho, 2018c), neste caso as universidades de Cabo Verde.

A escolha dos/as alunos/as das universidades de Cabo Verde, enquanto amostra para o projeto, prende-se com o ambiente formal e educacional das universidades, sendo este um espaço de formação e preparação para o futuro para que estes jovens possam exercer a sua cidadania de forma plena (Costa & Calvacanti, 2019). Deste modo, torna-se o local ideal para se perceber a dinâmica, as especificidades e necessidades inerentes ao fenómeno, e abordar estas questões, pois este espaço é fulcral para a promoção da igualdade de género. Salienta-se que a participação no estudo foi voluntária e os dados obtidos confidenciais.

Assim, a amostra é constituída por 301 estudantes universitários, 220 do sexo feminino (73.1%) e 80 do sexo masculino (26.6%), sendo que apenas 1 indivíduo selecionou a opção “outro” (0.3%) relativamente ao sexo/identidade de género, com idades compreendidas entre os 17 e os 53 anos, sendo a média (M) de idades de 23,86 (DP = 6.112).

Na tabela 1 do anexo II, sistematiza-se os dados referentes aos restantes dados sociodemográficos dos/as participantes deste estudo.

4. Técnica de recolha de dados

Relativamente à recolha de dados, utilizou-se a técnica de inquérito por questionário, onde foram utilizados três instrumentos de preenchimento anónimo, criados especificamente pelo Programa Uni+ para o Estudo Nacional sobre as crenças e práticas da violência no namoro em contexto universitário em Portugal, adaptado para Cabo Verde com a devida autorização. Assim, utilizou-se os seguintes instrumentos:

A ficha sociodemográfica possui o objetivo de caracterizar a amostra. Assim esta contempla questões como a idade, o sexo/identidade de género, nacionalidade, ilha de origem, área de formação, orientação sexual, estado civil, nível de escolaridade concluído, o tipo de instituição de ensino, e ainda a situação do aluno/a;

O inventário sobre Crenças de Género (ICG) (Neves et al., 2019b): O objetivo do ICG é avaliar as crenças dos/as participantes sobre as relações sociais de género, através de análise de 24 itens/afirmações numa escala de Likert, com as seguintes opções de resposta: “Não Concordo”, “Não concordo, nem discordo” e “Concordo”. A avaliação da consistência interna do instrumento revelou um valor alfa (α) de Cronbach de 0.737;

E, por fim, o Inventário sobre Relações Juvenis Violentas (IRJV): O objetivo do Inventário sobre Relações Juvenis e Violentas é caracterizar a violência psicológica, física, social, sexual, económica e perseguição/*stalking* sofrida e/ou praticada. É constituído por 21 itens com as seguintes opções de resposta: “Nunca me aconteceu”, “Já sofri”, “Já fiz” e “Já sofri e já fiz”.

Dos 21 itens do inventário, foram contabilizadas o número de itens a que as pessoas responderam “já sofri” ou “já sofri e fiz” para medir a vitimação, e de forma

semelhante, contabilizadas o número de itens a que as pessoas responderam “já fiz” ou “já sofreu e fez” para medir a violência perpetrada.

5. Procedimentos e técnicas de tratamento e análise de dados

Após a seleção do perfil de pessoas que compõem a amostra da presente dissertação, e tendo já o instrumento pronto, na medida em que este estudo se trata de uma replicação de um estudo existente, o passo seguinte foi a adaptação do questionário para esta população específica.

O questionário foi adaptado para a população cabo-verdiana, no sentido em que, os itens do questionário foram, inicialmente, sujeitos a uma reflexão falada de forma a perceber se existiam alguns termos que pudessem suscitar dúvidas ou que pudessem enviesar as respostas (e.g., a palavra “piropo” foi acompanhada da palavra “cantada”) e, foi disponibilizado online de 21 de maio de 2021 a 15 março de 2022. O link de acesso foi difundido nas ilhas que possuem Universidades (Ilha de São Vicente e a ilha de Santiago), aos estudantes e docentes do ensino universitário cabo-verdiano. A divulgação do mesmo foi feita através do envio de e-mails para a reitoria das Universidades, solicitando a difusão interna do questionário, sendo feita também através das redes sociais, nomeadamente o Facebook e o Instagram. Foram obtidas 301 respostas, no total.

Após a recolha dos dados, procedeu-se a inserção dos mesmos no IBM® SPSS® (*Statistical Package for Social Sciences*) versão 28 para Windows, a fim de serem analisados. Antes de iniciar a análise propriamente dita foi feita uma análise da base de dados, com o objetivo de identificar e recodificar os dados omissos e eliminar os dados inválidos, sendo a amostra utilizada na sua totalidade, já que não se registaram dados inválidos.

Neste seguimento, foi feita a análise da consistência interna do Inventário sobre Crenças de Género (ICG) (Neves et al., 2019b), através do coeficiente alfa (α) de Cronbach. Começou-se por realizar as análises descritivas dos dados sociodemográficos (apresentado acima) e dos inventários utilizados que serão apresentados no capítulo seguinte.

No que diz respeito à análise inferencial, foram utilizados testes de associação e de diferenças sendo que, neste último, foram utilizados testes de design inter-sujeitos, a destacar: o Teste T para amostras independentes, de forma a explorar as diferenças entre médias de dois grupos independentes (Martins, 2011; Cohen, 1988; Field, 2009a), nomeadamente a diferença de médias de vitimação/perpetração entre pessoas do sexo feminino e masculino; a diferença de médias das crenças de género entre pessoas do sexo feminino e masculino, e a diferença das médias das crenças de género em função da vitimação/ perpetração da violência. Para avaliar a dimensão do efeito das diferenças de médias foi reportado o d – Cohen (Cohen, 1992). Foi utilizado, também, o teste de *Friedman* de design intra-sujeitos (Field, 2009b), a fim de verificar as tipologias de violência mais perpetradas, uma vez que os pressupostos para a aplicação da ANOVA de medidas repetidas não foram verificados. Na aplicação de todas as técnicas, foram verificados os respetivos pressupostos. Foi também assumido o nível de confiança de 95%, sendo que os testes com valores p iguais ou inferiores a .05 são considerados resultados estatisticamente significativos, aceitando que existem diferenças significativas entre os grupos comparados (Martins, 2011).

No capítulo seguinte, serão apresentados os resultados das análises descritas neste ponto, justificando, a sua utilização.

Capítulo IV - Apresentação e discussão dos resultados

Tendo como finalidade o responder aos objetivos da presente dissertação, serve este capítulo para comunicar e, posteriormente, discutir os resultados obtidos através de uma análise descritiva e inferencial dos dados a fim de averiguar as hipóteses formuladas anteriormente.

1. Apresentação dos resultados

1.1 Análise descritiva

Da totalidade da amostra, 166 participantes afirmam que se encontram numa relação de namoro (55.1%), 115 participantes afirmam que não se encontram num relacionamento atual, mas que já namoraram no passado (38.2%) e 20 participantes afirmam que nunca namoraram (6.6%). Cerca de 184 indivíduos afirmam que já foram vítimas, pelo menos uma vez, de um ato de violência (61.1%) e 141 indivíduos afirmam que praticam/praticaram pelo menos um ato de violência (46.8%).

Ao analisar as tipologias de violência sofrida, os dados demonstram que a violência psicológica é a predominante (54.8%; n= 165), seguida da violência social (27.2%; n= 82); da violência física (13.6%; n= 13.6%); da perseguição (11.6%; n= 35); da violência sexual (10.6%; n=32) e, finalmente, da violência económica (2.0%; n= 6). Já ao analisar as tipologias de violência perpetradas, destaca-se que a violência psicológica é, também a que apresenta uma maior prevalência (38.9%; n= 117), seguida da violência física (10.0%; n=30); da violência social (9.0%; n= 27); da violência sexual (4.3%; n= 13); da perseguição (2.3%; n=7) e, por fim, da violência económica (0.7%; n= 2).

Aquando do presente estudo, houve, também, a necessidade de avaliar a percepção dos jovens acerca do impacto da pandemia do Covid-19 nas suas relações de namoro. Dos

participantes, 169 afirmaram que não estão ou estiveram numa relação de namoro (56.1%) durante o período do início do confinamento e 132 afirmaram que estão ou estiveram numa relação de namoro (43.9%) durante esse mesmo período. Dos participantes que afirmaram que estão ou estiveram numa relação de namoro durante esse período, 120 afirmaram que o relacionamento não era abusivo antes do confinamento e manteve-se igual (90.9%), 5 participantes afirmaram que não era abusiva antes do confinamento e passou a ser (3.8%), 5 participantes afirmaram que foi abusiva durante o confinamento e manteve-se igual (3.8%) e, apenas 2 participantes afirmaram que foi abusiva durante o confinamento e deixou, entretanto, de ser (1.5%).

Posto isto, segue-se a análise descritiva das respostas aos Inventários sobre Crenças de Género e sobre as Relações Juvenis Violentas, respetivamente:

1.1.1. Inventário sobre Crenças de Género

O Inventário sobre Crenças de Género obteve uma média de 32.53 ($DP= 5.318$). Constata-se que a maioria dos indivíduos apresenta um baixo nível de crenças de género legitimadoras da violência.

Da análise dos itens respeitantes a crenças relativas à família, salienta-se que os itens com maiores níveis de concordância, em outros termos, os itens com maior número de respostas “Concordo” foram os seguintes: “Homens e mulheres devem partilhar as tarefas domésticas” (98%; $n=295$); “Os homens podem ser tão bons pais quanto as mulheres boas mães” (96.0%; $n=289$) e “Os homens devem gozar a licença parental” (76.7%; $n=231$), que correspondem aos itens com maiores médias do inventário (confira anexo III). Ainda neste sentido, os itens que apresentaram menores níveis de concordância, isto é, maior número de respostas “não concordo” foram os seguintes: “As mulheres que não desejam ser mães não são verdadeiras mulheres” (92.4%; $n=278$), “Se as mulheres não trabalhassem fora de casa as crianças seriam melhor educadas” (76.7%;

n=231); e “O sonho de qualquer mulher é casar” (70.8%; n=213). Ademais, no âmbito da família, salienta-se o item “A família deve ser a prioridade das mulheres” onde um maior número de participantes, mais concretamente 135, responderam que não concordam nem discordam com a afirmação (44.9%).

Analisando os itens que dizem respeito às atribuições de género, os que apresentaram maiores níveis de concordância, foram os seguintes: “Homens e mulheres devem ter direitos e deveres iguais” (90.7%; n=273) e “As mulheres são mais sensíveis do que os homens” (40.2%; n=121). Os que apresentaram os menores níveis de concordância foram, respetivamente: “Os homens têm mais competências do que as mulheres para cargos de liderança” (86.0%; n=259); “Meninos e meninas devem ser educados/as de forma diferente” (85.0%; n=256) e “As mulheres que têm cargos de poder comportam-se como homens” (73.1%; n=220).

Finalmente, no que concerne aos itens do Inventário sobre Crenças de Género que analisam as crenças relativas à violência, o item que obteve maior nível de concordância foi o seguinte: “As mulheres podem ser tão violentas quanto os homens” (70.8%; n=213). Os restantes itens apresentaram, na sua maioria, menores níveis de concordância, destacando-se: “As mulheres que se portam mal devem ser castigadas pelos seus parceiros” (98.7%; n=297); “As mulheres são vítimas de violência sexual porque provocam os homens” (88.4%; n=266); “Algumas situações de violência doméstica são provocadas pelas mulheres” (64.1%; n=193); “O ciúme é uma prova de amor” (61.5%; n=185) e os itens “As mulheres que se mantêm em relações amorosas violentas são masoquistas” e “É gratificante para as mulheres ouvir piropos (cantadas)” que obtiveram as mesmas percentagens (57.1%; n=172).

1.1.2. Inventário sobre Relações Juvenis Violentas

No que se refere à apresentação dos resultados descritivos do Inventário sobre Relações Juvenis Violentas, destaca-se que:

Em relação à violência psicológica, no item “Ignorar, desprezar, humilhar, envergonhar ou tratar com indiferença” 17.3% dos/as participantes (n=52) assinalaram a opção “já sofri”; o item “Culpar, criticar, insultar, difamar, acusar sem razão” foi o item em que 21.3% dos/as participantes (n=64) assinalaram a opção “já sofri”; 18.9% dos/as participantes (n= 57) afirmaram que “já sofri e já fiz” e 6.0% assinalaram a opção “já fiz” relativamente a este comportamento. No item “Recorrer às tecnologias de comunicação para ameaçar ou chantagear”, 11.3% dos/as participantes (n=34) afirmam que já sofreram este tipo de violência. Relativamente ao item “Mexer nas coisas pessoais sem autorização”, 13.0% da amostra (n=39) afirma que já sofreu; 12.0% dos/as participantes (n= 36) assinalaram a opção “já sofri e já fiz” e 9.0% já praticaram este comportamento (n=27). No que concerne ao item “Ameaçar verbalmente ou através de comportamentos que causem medo”, 11.6% da amostra (n=35) assinalou a opção “já sofri”. Por fim, no item “Ameaçar divulgar publicamente a orientação sexual” apenas 1.3% dos/as participantes (n=4) assinalaram a opção “já fiz”.

Já no que concerne à violência social, destacaram-se os itens de resposta “já sofri”, nomeadamente os itens “Impedir o contacto com a família, amigos/as, vizinhos/as (e.g., proibir de falar com alguém, tirar ou desligar o telemóvel)” (10.3%; n=31); “Não permitir que trabalhe, estude e/ou saia sozinho/a” (9.6%; n= 29); “Dizer mal ou lançar boatos na escola ou em locais ou grupos frequentados regularmente” (7.3%; n= 22); “Ameaçar, difamar ou agredir no caso de denunciar ou manifestar vontade de denunciar a terceiros a violência sofrida” (3.7%; n= 11). No item “Controlar a forma de vestir, o penteado ou a imagem, os locais frequentados ou as amizades ou companhias” 15.9% dos/as

participantes assinalaram a opção “já sofri” e 4.7% destes (n=14) afirmaram que já praticaram este comportamento.

Analisando a violência sexual, os dados demonstram que, relativamente ao item “Obrigar a ter comportamentos sexuais não desejados” 3.7% dos/as participantes (n= 11) assinalaram a opção “já sofri”; no item “Divulgar imagens ou vídeos pessoais, de cariz sexual, sem consentimento” apenas 2.0% da amostra (n= 6) assinalou a opção “já fiz” e, finalmente, no item “Forçar a ter relações sexuais” 8.3% da amostra (n= 25) assinalou a opção “já sofri”.

No que diz respeito à violência económica, relativamente ao item “Ficar com todo o dinheiro ou limitar/controlar os gastos pessoais” 2.0% da amostra (n= 6) assinalou a opção “já sofri”.

Aquando da violência física, no item “Fazer ameaças de morte, atentar contra a vida ou causar ferimentos que obriguem a receber tratamento médico” 4.0% dos/as participantes (n=12) assinalou a opção “já fiz”. Relativamente ao item “Ameaçar ou ferir utilizando armas (e.g., faca, bastão, pistola) e/ou a força física” 4.3% da amostra (n= 13) assinalou a opção “já sofri”. No item “Magoar fisicamente, empurrar, pontapear, esbofetear ou dar murros ou cabeçadas” 10.3% dos/as participantes (n= 31) assinalaram a opção “já sofri” e no item “Magoar fisicamente ou ameaçar magoar pessoas próximas (e.g., família, amigos/as)” 6.0% dos/as participantes (n= 18) também afirmaram que já foram vítimas desse comportamento. No item “Estrangular, asfixiar, atropelar ou ferir com gravidade ou tentar fazê-lo” 4.3% dos/as participantes (n= 13) assinalaram a opção “já fiz”.

Por último, no que à perseguição diz respeito, no item “Aparecer de repente em locais públicos para vigiar ou controlar (e.g., escola) e/ou perseguir (e.g., a pé, de carro

ou de mota) ou pedir a outros que o façam” 11.0% dos/as participantes (n= 33) assinalaram a opção “já sofri”.

1.2 Análise inferencial

Segue-se a análise das hipóteses descritas no ponto 2 do III Capítulo, em que serão analisadas a relação entre a vitimação/perpetração da violência e sexo; as tipologias de violência prevalentes neste âmbito; a diferença das médias das crenças de género em função da vitimação/perpetração e, finalmente, as diferenças relativas às médias das crenças de género em função do sexo.

A primeira hipótese pretendeu verificar se existem diferenças estatisticamente significativas na vitimação por violência no namoro em Cabo Verde em função do sexo. Os dados revelaram que as 220 mulheres apresentam uma média (*M*) e desvio padrão (*DP*) relativamente à vitimação de 2.40 e 3.125 respetivamente. Os 80 indivíduos do sexo masculino, por sua vez, apresentam uma média de 1.43 (*DP*= 2.030). Através destes dados, rejeitou-se a hipótese nula e aceitou-se a hipótese alternativa, pois constatou-se que na amostra, em média, são os indivíduos do sexo feminino que apresentam maior níveis de vitimação, sendo esta diferença estatisticamente significativa com um tamanho de efeito pequeno (Cohen, 1992) ($t(216)=3.148$, $p<.001$, $d=.339$).

Já na segunda hipótese, ao averiguar se existem diferenças estatisticamente significativas na perpetração da violência no namoro em Cabo Verde em função do sexo, constatou-se que as 220 mulheres apresentam uma média perpetração de .93 (*DP*= 1.521) e os 80 indivíduos do sexo masculino apresentam uma média de perpetração de .85 (*DP*= 1.223). Conclui-se que na amostra, em média, são os indivíduos do sexo feminino que apresentam maiores níveis de perpetração, contudo, não existem evidências estatísticas que permitam rejeitar a hipótese nula (H_0) e, portanto dizer que os homens pratiquem

mais violência que as mulheres, com um tamanho de efeito médio ($t(298)=0.409$, $p=.342$, $d=.053$) (Cohen, 1992), não se rejeitando, assim, a hipótese nula.

No que concerne às tipologias de violência a terceira hipótese pretendeu perceber se a violência física e psicológica as formas mais comuns de violência perpetradas entre os/as jovens cabo-verdianos/as neste âmbito. Os dados demonstram que a violência psicológica apresentou uma média de .57 ($DP=.844$); relativamente à violência física, a média foi de .12 ($DP=.393$); a violência social apresentou, também, uma média de .12 ($DP=.415$); a violência sexual apresentou uma média de .06 ($DP=.300$); a perseguição apresentou uma média de .02 ($DP=.151$) e, finalmente, a violência económica apresentou uma média de .01 ($DP=.081$). Deste modo, conclui-se que as tipologias de violência mais prevalentes na amostra foram a psicológica, seguida da física e da social. O teste de *Friedman* permitiu identificar a existência de diferenças significativas entre as seis tipologias de violência $\chi^2 F(5)=350.770$, $p < .001$, rejeitando a hipótese nula. Posto isto, os testes de comparações múltiplas com Correção de *Bonferroni* demonstram diferenças significativas em que a violência psicológica se destaca das restantes tipologias, rejeitando-se a hipótese nula.

A quarta hipótese pretendeu analisar se existem diferenças entre a média das crenças de género em função da vitimação da violência no namoro. Da amostra, as 184 pessoas participantes que já sofreram violência, apresentam uma média de crenças de género de 32.38 ($DP= 5.165$), enquanto as 117 pessoas que não sofreram violência, apresentam uma média de crenças de género de 32.79 ($DP= 5.563$). Não se pode concluir que existam diferenças estatisticamente significativas no que concerne à média das crenças de género em função da vitimação da violência no namoro, com um tamanho de efeito pequeno (Cohen, 1992) ($t(299)=0.654$, $p= .514$, $d=.077$), não se rejeitando a hipótese nula.

Em relação às diferenças entre a média das crenças de género em função da perpetração da violência no namoro, analisada através da quinta hipótese, das 160 pessoas participantes que não pratica(ou) violência apresentaram uma média de crenças de género de 32.51 ($DP= 5.154$) e, por outro lado, as 141 pessoas participantes que pratica(ou) violência apresentam uma média de crenças de género de 32.57 ($DP= 5.515$). Assim, da análise dos dados da amostra, não se pode dizer que existam diferenças estatisticamente significativas no que concerne à média das crenças de género em função da perpetração da violência no namoro ($t(299)= -0.099$, $p= .921$, $d= -.011$) não se rejeitando, também, a hipótese nula.

Por fim, a sexta hipótese teve como objetivo analisar se existem diferenças relativas às médias das crenças de género entre os/as jovens cabo-verdianos/as, em função do sexo. As 220 mulheres apresentam uma média de crenças de género de 31.04 ($DP = 4.217$). Os 80 indivíduos do sexo masculino por sua vez, apresentam uma média de crenças de género de 36.67 ($DP= 5.869$). Desta forma, constata-se que, nesta amostra, em média, são os indivíduos do sexo masculino que apresentam uma média maior relativamente às crenças de género, sendo esta diferença estatisticamente significativa, com um tamanho de efeito grande (Cohen, 1992) ($t(110)= -7.885$, $p<.001$, $d= -1.197$), rejeitando-se a hipótese nula e aceitando-se a hipótese alternativa. Salienta-se que a média mais alta corresponde a crenças mais conservadoras.

2. Discussão dos resultados

Em comparação com o estudo de Torres (2014), realizada com jovens imigrantes cabo-verdianos, que chegou à conclusão de que existe uma mutualidade entre a perpetração e vitimação dos comportamentos violentos, assim como o estudo de Neves & colaboradores (2019a), o presente estudo, ao analisar a vitimação, não corroborou a tese da mutualidade na vitimação da violência entre os sexos, na medida em que as

mulheres apresentam, maiores níveis de vitimação. Este dado vai ao encontro da grande parte da literatura, no sentido em que existem vítimas do sexo masculino, contudo, a mulher destaca-se neste sentido, apesar de existir, na literatura, uma homogeneidade na vitimação quando se fala em violência no namoro (Gonçalves et al., 2021). No estudo de Neves e colaboradores (2022), os níveis de vitimação entre homens e mulheres foram bastante próximos (53.2% de vítimas do sexo feminino e 53.6% de vítimas do sexo masculino), dado este que difere, ligeiramente dos resultados deste estudo. Todavia, este resultado pode advir do facto da amostra deste estudo ser maioritariamente do sexo feminino (73.1%).

No que diz respeito à perpetração, na amostra analisada, o sexo feminino apresentou níveis de perpetração ligeiramente acima dos do sexo masculino ($M=.93$; $DP=1.521$ no sexo feminino e $M=.85$; $DP=1.223$ no sexo masculino). À semelhança do estudo nacional (Neves et al., 2022), este dado não nos permite afirmar que a proporção da violência praticada por mulheres é significativamente superior à praticada por homens, o que nos leva a concluir que tanto as mulheres como os homens praticam a violência em proporções semelhantes (Torres, 2014; Neves et al., 2019a).

Uma das razões que pode explicar a homogeneidade na perpetração da violência é a questão de que, muitas vezes as mulheres vítimas transformam-se em agressoras para se defenderem dos ataques dos/as parceiros/as, na medida em que a violência é perpetrada no contexto assimétrico (ICIEG, 2006; Hernández, 2021). De acordo com os dados do IDSR-III, do Instituto Nacional de Estatística (INE) de Cabo Verde, no caso das mulheres que perpetram violência contra os homens, em 26% destes houve violência prévia por parte do homem e apenas em 3% destes casos, não houve violência prévia por parte do marido (INE, 2020). Este dado pode corroborar a questão da vítima mulher se tornar agressora como forma de autodefesa. Todavia, é necessário que se façam mais estudos

para perceber o porquê de existir esta homogeneidade na perpetração na população cabo-verdiana.

O estudo multicêntrico de Monteiro & colaboradores (2019), realizado com adolescentes cabo-verdianos, concluiu que além de existir uma relação entre violência e género, as adolescentes do sexo feminino perpetraram mais violência em comparação com os adolescentes de sexo masculino, dado este que vai ao encontro dos dados obtidos neste estudo, pese embora a faixa etária alvo do estudo difere da realidade universitária, o que pode interferir, também, na interpretação dos resultados.

No que diz respeito aos comportamentos violentos dos/as jovens cabo-verdianos/as, a tipologia de violência mais prevalente foi a psicológica, seguida da violência física e da violência social, da violência sexual, da perseguição e, finalmente, da violência económica. Os dados obtidos demonstram que a violência mais prevalente entre os/as jovens continua sendo a violência psicológica.

Ao analisar detalhadamente os comportamentos perpetrados e sofridos pelos/as jovens que participaram do estudo, percebe-se que os comportamentos que se destacaram mais dizem respeito à “pequena violência”, principalmente aqueles relativos ao controlo e culpabilização da vítima. A maioria dos/das participantes se posicionaram como vítimas e não como ofensores/as ou como vítimas e ofensores/as simultaneamente. Comportamentos como “Culpar, criticar, insultar, difamar, acusar sem razão”; “Mexer nas coisas pessoais sem autorização”; “Controlar a forma de vestir, o penteado ou a imagem, os locais frequentados ou as amizades ou companhias” foram aqueles que se destacaram no número de respostas “já fiz”. Por sua vez, os comportamentos que se destacaram como os mais sofridos pelas vítimas dizem respeito ao “Culpar, criticar, insultar, difamar, acusar sem razão”; “Recorrer às tecnologias de comunicação para ameaçar ou chantagear”; “Impedir o contacto com a família, amigos/as, vizinhos/as”;

“Mexer nas coisas pessoais sem autorização”; “Ameaçar verbalmente ou através de comportamentos que causem medo”; “Controlar a forma de vestir, o penteado ou a imagem, os locais frequentados ou as amizades ou companhias”; “Ignorar, desprezar, humilhar, envergonhar ou tratar com indiferença” e ao “Magoar fisicamente, empurrar, pontapear, esbofetear ou dar murros ou cabeçadas”. Já nos comportamentos sofridos e perpetrados destacam-se o “Culpar, criticar, insultar, difamar, acusar sem razão” e o “Mexer nas coisas pessoais sem autorização”.

Apesar de que os dados demonstram não existir diferenças significativas entre as médias das crenças de género entre quem pratica(ou)/não pratica(ou) violência e quem sofre(u)/e não sofre(u), foi possível concluir que existem diferenças significativas entre as médias das crenças de género em função do sexo, sendo que os indivíduos do sexo masculino apresentam crenças de género mais conservadoras do que as inquiridas (sexo feminino). Este resultado é corroborado por estudos (Gonçalves et al., 2021; Ventura et al., 2013; Mate et al., 2020; Magalhães et al., 2017; Neves et al., 2016) que concluíram, também, que homens legitimam mais a violência do que as mulheres, o que pode ser explicado pela socialização desenvolvida com base nos papéis de género (Gomes et al., 2007) e baseada em valores machistas e patriarcais que promovem a desigualdade entre os sexos (Marin & Russo, 2014; Caridade & Machado, 2013), que faz com que os indivíduos desenvolvam crenças que os ajudam a justificar e desculpabilizar a violência nos seus relacionamentos íntimos, além de apresentarem uma menor consciência da gravidade das suas condutas.

A questão de os homens legitimarem mais a violência do que a mulher demonstra que existe a necessidade de se investir, cada vez mais, em campanhas de prevenção e combate à violência, destinados a homens e mulheres, de forma a contribuir para a desmistificação de crenças e estereótipos inerentes a este fenómeno, contribuindo, desta

forma, para que a sociedade cabo-verdiana se liberte dos valores incutidos pela cultura patriarcal, que promovem a desigualdade entre homens e mulheres.

Ademais, o IDSR-III veio salientar a importância da escolaridade dos envolvidos, bem como o nível de instrução dos homens, especificamente. Quanto maior o nível de escolaridade, menor a percentagem de vítimas e de ofensores, neste sentido. Da mesma forma que, quanto mais instruído for o homem, menor a probabilidade de este perpetrar algum tipo de violência contra a mulher. Estes resultados demonstram e confirmam que a educação da sociedade é a chave para erradicar a questão da violência de género nas sociedades.

De forma geral, no que concerne às crenças de género apresentadas pelos/as estudantes universitários/as cabo-verdianos/as, os dados mostram que os níveis de concordância com crenças de género que legitimam a violência são baixos, porém existentes. A baixa legitimação de crenças de género que promovem a violência pode ser explicada pelo facto de que os/as estudantes do ensino universitário cabo-verdiano possuem e frequentam um nível educacional superior, que pode influenciar na forma como estes interpretam e percebem as situações de violência.

Ao analisar as crenças de género foi possível perceber que grande parte da amostra demonstrou estar ciente de que deve existir igualdade entre os homens e mulheres, não só fora como dentro de casa, onde os itens como “Homens e mulheres devem partilhar as tarefas domésticas”; “Os homens podem ser tão bons pais quanto as mulheres boas mães”; “Homens e mulheres devem ter direitos e deveres iguais”, se destacaram com o número de respostas a concordar com as afirmações. Ainda, os/as jovens que participaram do estudo demonstraram que as crenças que dizem respeito à mulher como dona de casa, que vive exclusivamente para a casa e para o marido, e a crença de que o homem possui mais competências que as mulheres, também não fizeram parte das crenças destes/as jovens.

No âmbito das crenças relativas à violência, a maioria dos/as jovens demonstraram que não concordam com as crenças de que as mulheres devem ser castigadas pelos parceiros se portarem mal, ou que situações de violência doméstica são provocadas pelas mulheres, ou ainda que as mulheres estão em relações violentas porque são masoquistas. A questão dos ciúmes como prova de amor e da mulher gostar de ouvir piropos também obtiveram menores níveis de concordância.

Estes resultados são extremamente positivos, e podem demonstrar que os esforços que têm sido feitos em Cabo Verde para mitigar a violência íntima têm sortido algum efeito. Contudo, enquanto existirem níveis, mesmo que sejam baixos, de crenças legitimadoras da violência íntima, a luta continua. A título de exemplo, nas crenças como “As mulheres que se mantêm em relações amorosas violentas são masoquistas” e “Algumas situações de violência doméstica são provocadas pelas mulheres” apesar de grande parte dos/as participantes não concordar com a afirmação, estas crenças destacaram pelas percentagens de respostas “não concordo, nem discordo”, com 12.6% e 20.9%, respetivamente, e pela percentagem de respostas “concordo”, em que 30.2% e 15.0%, respetivamente dos/as participantes concordaram com estas crenças. Ainda, nas crenças “A família deve ser a prioridade das mulheres”; “É gratificante para as mulheres ouvir piropos (cantadas)”; e “O ciúme é uma prova de amor” entre outros, apesar de grande parte da amostra demonstrar que não concorda com as afirmações, ainda assim, 44.9%, 33.6% e 32.2% respetivamente, dos/as participantes afirmam que não concordam nem discordam com as afirmações. O não concordar nem discordar, nas questões da violência íntima pode ser um fator problemático na medida em que, não há um posicionamento claro por parte dos indivíduos, o que pode significar que, em algumas situações, os indivíduos possam legitimar a violência, já que vários estudos demonstram existir uma relação entre crenças de género conservadoras e a prática da violência. Ainda

existe um longo caminho a ser percorrido em prol da igualdade e equidade entre homens e mulheres em Cabo Verde.

Por fim, um dos aspetos que se pretendeu verificar foi a perceção dos/as participantes relativamente ao impacto da pandemia da Covid-19 nos seus relacionamentos. Através dos resultados foi perceptível que em 90.9% da amostra, a pandemia não teve impacto nenhum, na medida em que estes afirmaram que os seus relacionamentos não eram abusivos e durante a pandemia mantiveram-se iguais. Este dado vem contrariar a literatura que aponta a pandemia como um fator de risco para o aumento de situações de violência em relacionamentos (Poiars, 2020; Moreira & Costa, 2020; Gama et al., 2021). Contudo, considerando o facto de que, muito provavelmente, estes/as jovens não coabitam com os/as seus/suas parceiros/as, pode não ter havido um aumento da violência por não estarem no mesmo ambiente durante os confinamentos.

Em suma, os resultados obtidos pela investigação não poderão ser generalizados para o restante da população cabo-verdiana devido ao tamanho da amostra, bem como devido à discrepância entre participantes do sexo feminino e participantes do sexo masculino. Contudo, estes dados nos permitem compreender melhor as especificidades relativamente à vitimação, perpetração, práticas e as crenças que acompanham os jovens cabo-verdianos.

Parte III - Conclusões

O presente estudo foi concebido com o objetivo de mapear, caracterizar e compreender as relações de intimidade dos/das jovens universitários/as cabo-verdianos/as, nomeadamente no que concerne às crenças e práticas destes jovens, e pretende, também, contribuir para a lacuna existente em Cabo Verde face à pouca literatura existente neste âmbito.

Deste modo, e considerando as competências de um/a criminólogo/a, nomeadamente na criação de programas de prevenção da criminalidade, de sensibilização e de avaliação do risco e na colaboração com agentes do Estado na aplicação de leis e de políticas públicas, espera-se que, a presente dissertação, efetuada numa perspetiva criminológica, com os resultados obtidos, possa contribuir para compreender quais as melhores formas e ferramentas para prevenir e intervir neste fenómeno, bem como contribuir para uma maior consciencialização relativamente à violência no namoro em Cabo Verde.

Nesta investigação, os dados demonstraram a existência de um nível de vitimação superior nas mulheres do que nos homens e, níveis ligeiramente superiores do que os homens ao avaliar a perpetração da violência. No que concerne às tipologias, a violência psicológica, a física e a social foram as mais perpetradas entre os/as jovens universitários/as cabo-verdianos. Relativamente às crenças de género dos/as estudantes cabo-verdianos, o estudo demonstrou que existe uma mutualidade/homogeneidade entre quem pratica(ou)/ não pratica(ou) e quem sofre(u)/ não sofre(u) de violência, pese embora os homens apresentem níveis mais elevados de crenças de género legitimadoras da violência.

Grande parte dos resultados foi bastante semelhante aos dados existentes na literatura, apesar de existirem alguns dados que divergiram da maior parte dos estudos

realizados sobre a violência no namoro, nomeadamente no que diz respeito à prevalência das tipologias de violência, à reciprocidade da perpetração da violência entre os sexos e às crenças de género em função da vitimação e da perpetração.

O facto do conceito de violência no geral e de violência no namoro em específico, poderem variar de acordo com a cultura pode ter sido, também, um fator que influenciou os resultados do estudo, na medida em que os/as participantes responderam com base naquilo que consideram, ou não, ser violência.

Afigura-se de extrema importância que o legislador cabo-verdiano, inclua, de forma explícita, as relações de namoro nos artigos referidos acima, de forma a chamar a atenção para este fenómeno, que muitas das vezes passa despercebido, aumentando assim as chances dos/as jovens reconhecerem a violência no namoro como um problema que deve ser resolvido.

Ademais, é necessário também, a meu ver, que haja cada vez mais formações para os órgãos de controlo formal (polícias, juízes, advogados), bem como médicos, enfermeiros, professores e todos aqueles que poderão cruzar-se com as vítimas deste fenómeno, de modo a minimizar a vitimação secundária destes, bem como para que os/as jovens possam sentir seguros em denunciar situações de violência a terceiros.

E, cabe ainda, às instituições de direito, criar respostas para estas vítimas, cada vez mais concertadas e funcionais, para que estas se sintam acolhidas pelo sistema, além de ser necessário que sejam feitas revisões frequentes à lei da violência baseada no género, de acordo com as especificidades do fenómeno, que varia entre os sexos e, até, entre as ilhas, com vista a perceber como adequar os meios para prevenir e intervir de forma eficiente, conforme as necessidades dos intervenientes deste fenómeno.

Em termos de limitações, salienta-se que a amostra é reduzida e que existe uma discrepância entre participantes do sexo feminino e masculino, o que faz com que não seja possível retirar generalizações desta investigação. Além disso, o uso de entrevistas, isto é, de uma metodologia qualitativa em conjunto com a quantitativa poderia, também, ser benéfico, para perceber até que ponto estes/as jovens aplicam os conhecimentos acerca da violência nas suas relações íntimas, bem como de perceber a relação entre a violência e o género, de interpretar os números de forma completa ao identificar e perceber os significados que os/as jovens atribuem à violência no namoro. Ainda, enquanto limitações do estudo, salienta-se o facto deste estudo ter sido realizado online o que não permite incluir indivíduos que não tiveram acesso à internet, ou que possuam alguma dificuldade em manusear e lidar com a internet.

Destaco, ainda, em jeito de recomendações futuras, que se invista, não só neste crime e população específicos, como outros conexos, entre eles as especificidades deste fenómeno na população LGBTQIA+ e em alunos do ensino secundário, no uso das novas tecnologias enquanto meio de perpetração da violência e, em estudos que abordem a perspetiva dos pais, professores e de todos aqueles que trabalham em ambiente escolar, bem como dos grupos de pares destes/as jovens.

Deste modo, reitero a importância que estes sejam realizados por criminólogos, devidamente habilitados e competentes para o efeito, pois só com um conhecimento multidisciplinar aprofundado sobre todas as vertentes que convergem na prática destes crimes (e.g., a nível psicológicos, jurídico e social), é que se poderá prevenir e dar respostas adaptadas e eficazes para estas práticas.

Referências

- Andrade, T. A., Sampaio, M. A., & Donard, V. (2020). Análise da produção científica sobre a violência digital no namoro entre adolescentes: uma revisão sistemática. *Psico*, 51(4), 1-14. <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/revistapsico/article/view/34318/26677>
- Associação Portuguesa de Apoio à Vítima. (2010). *Manual Alcipe - Para o Atendimento de Mulheres Vítimas de Violência*. (2ª ed.). Associação Portuguesa de Apoio à Vítima. https://www.apav.pt/apav_v2/images/pdf/ManualAlcipe.pdf
- Associação Portuguesa de Apoio à Vítima. (2011). *Manual Crianças e Jovens vítimas de violência: compreender, intervir e prevenir*. (1ª ed.). Associação Portuguesa de Apoio à Vítima. https://www.apav.pt/pdf/Manual_Crianças_Jovens_PT.pdf
- Beleza, T. P. (2021). Violência Doméstica. In Centro de Estudos Judiciários (1ª ed.), *Violência Doméstica e Violência na Intimidade* (11-18). Centro de Estudos Judiciários. http://www.cej.mj.pt/cej/recursos/ebooks/penal/eb_VD_VI_04.pdf
- Bem, S. L. (1983). Gender Schema Theory and Its Implications for Child Development: Raising Gender-aschematic Children in a Gender-schematic Society. *Journal Of Women in Culture and Society*, 8(4), 598-616. <https://psycnet.apa.org/record/1984-12005-001>
- Borges, J. L., Heine, J. A., & Dell'Aglio, D. D. (2020). Personal and contextual predictors for adolescent dating violence perpetration. *Acta Colombiana de Psicología*, 23(2), 438-448. http://www.scielo.org.co/pdf/acp/v23n2/pt_0123-9155-acp-23-02-460.pdf

- Breiding, M. J., Basile, K. C., Smith, S. G., Black, M. C., & Mahendra, R. (2015). *Intimate partner violence surveillance*. (2nd ed.). Centers for Disease Control and Prevention. <https://stacks.cdc.gov/view/cdc/31292>
- Caridade, S. (2017). Violência no namoro: Contextualização teórica e empírica. In Neves, S., & Correia, A. (Eds.), *Violências no namoro* (9-40). Edições ISMAI – Centro de Publicações do Instituto Universitário da Maia
- Caridade, S., & Barros, S. (2018). Violência nas relações íntimas juvenis e ideação e comportamentos suicidas. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 19(2), 323-336. <https://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/7851/1/2018.%20Viol%c3%aancia%20nas%20rela%c3%a7%c3%b5es%20%c3%adntimas%20e%20idea%c3%a7%c3%a3o%20e%20comportamento%20suicidas.pdf>
- Caridade, S., & Machado, C. (2013). Violência Nas Relações Juvenis de Intimidade: Uma Revisão da Teoria, da Investigação e da Prática. *Psicologia*, XXVII(1), 91-113. https://www.researchgate.net/publication/262442856_Violencia_nas_relacoes_juvenis_de_intimidade_Uma_revisao_da_teorica_da_investigacao_e_da_pratica
- Caridade, S., Saavedra, R., & Machado, C. (2012). Práticas de prevenção da violência nas relações de intimidade juvenil: Orientações gerais. *Análise Psicológica*, 30(1), 131-142. <http://publicacoes.ispa.pt/index.php/ap/article/view/537/pdf>
- Caridade, S., Sousela, L., & Machado, C. (2021). Género e violência na intimidade: que relação?. In Centro de Estudos Judiciários (1ª ed.), *Violência Doméstica e Violência na Intimidade* (105-121). Centro de Estudos Judiciários. http://www.cej.mj.pt/cej/recursos/ebooks/penal/eb_VD_VI_04.pdf
- Centers for Disease Control and Prevention. (2016). Understanding Teen Dating Violence. Centers for Disease Control and Prevention.

https://data.templateroller.com/pdf_docs/1360/13605/1360578/main_understanding-teen-dating-violence-fact-sheet.pdf?33f35397cfc05a809e2f5c63316a3c55

Cohen, J. (1988). The t Test for Means. In Cohen, J. (Ed.), *Statistical power analysis for the behavioral sciences* (19-74). Lawrence Erlbaum Associates.
<https://doi.org/10.4324/9780203771587>

Cohen, J. (1992). Statistical Power Analysis. *Current Directions in Psychological Science*, 1(3), 98–101. <https://doi.org/10.1111/1467-8721.ep10768783>

Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género. (2016). A Violência Doméstica – Caracterização do fenómeno e respostas aptas à sua erradicação. In Centro de Estudos Judiciários (1ª ed.), *Violência Doméstica - Implicações sociológicas, psicológicas e jurídicas do fenómeno Manual Pluridisciplinar* (20-67). Centro de Estudos Judiciários. http://www.cej.mj.pt/cej/recursos/ebooks/outros/Violencia-Domestica-CEJ_p02_rev2c-EBOOK_ver_final.pdf

Costa, A. M., Cavalcanti, V. R. S. (2019). Violência na Intimidade, Género e Direitos Humanos: expressões da juventude em contexto educacional. *Revista Jurídica Portucalense*, (26), 1-35. [https://doi.org/10.34625/issn.2183-5705\(26\)2019.ic-01](https://doi.org/10.34625/issn.2183-5705(26)2019.ic-01)

Coutinho, C. P. (2018a). Paradigmas, Metodologias e Métodos de Investigação. In Coutinho, C. P. (Ed.), *Metodologia de Investigação em Ciências Sociais e Humanas: Teoria e Prática* (9-46). Almedina.

Coutinho, C. P. (2018b). Estatística Descritiva. In Coutinho, C. P. (Ed.), *Metodologia de Investigação em Ciências Sociais e Humanas: Teoria e Prática* (151-168). Almedina.

Coutinho, C. P. (2018c). Amostra. In Coutinho, C. P. (Ed.), *Metodologia de Investigação em Ciências Sociais e Humanas: Teoria e Prática* (89-104). Almedina.

Coutinho, C. P. (2018d). Estatística Inferencial. In Coutinho, C. P. (Ed.), *Metodologia de Investigação em Ciências Sociais e Humanas: Teoria e Prática* (185-210). Almedina.

Dahlberg, L. I., & Krug, E. G. (2002). Violence – a global public health problem. In Krug et al., (Eds.), *World report on violence and health* (1-19). World Health Organization.

https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/42495/9241545615_eng.pdf

Decreto-legislativo n.º 4/2015 do Conselho de Ministros. (2015). «B.O.» da República de Cabo Verde: I Série, n.º 69.

<https://www.ilo.org/dyn/natlex/docs/ELECTRONIC/105340/128800/F2009426981/CABO>

Decreto-lei n.º 48/95. (1995). Diário da República: Série I-A, n.º 63/1995.

<https://dre.pt/dre/legislacao-consolidada/decreto-lei/1995-34437675>

Decreto-lei n.º 8/2014 do Conselho de Ministros. (2014). «B.O.» da República de Cabo Verde: I Série, n.º 8.

<https://portais.parlamento.cv/rmpcv/legislacao/Decreto-Lei%20que%20regulamenta%20a%20Lei%20VBG.pdf>

Dias, A. R. C. (2012). *Repertórios interpretativos sobre o amor: Das narrativas culturais às conjugualidades violentas* [Tese de Doutoramento, Universidade do Minho].

Repositório da Universidade do Minho.

<http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/21074/1/Ana%20Rita%20C%20onde%20Dias.pdf>

- Dias, A. R. C., & Machado, C. (2008). Género e violência conjugal – Uma relação cultural. *Análise Psicológica*, 4(XXVI), 571-586.
<http://publicacoes.ispa.pt/index.php/ap/article/view/516/pdf>
- Duval, A., Lanning, B. A., & Patterson, M. S. (2020). A systematic review of dating violence risk factors among undergraduate college students. *SAGE Journals*, 21(3), 567-585. <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1524838018782207>
- Fernández-Antelo, I., Cuadrado-Gordillo, I., & Parra, G. M. M. (2020). Synergy between acceptance of violence and sexist attitudes as a dating violence risk factor. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, (17), 1-12.
https://pdfs.semanticscholar.org/8901/9baa017b87b60aa200738aa9c2f10f6eca84.pdf?_ga=2.81962902.1663594837.1646152692-546050205.1635775119
- Field, A. (2009a). Comparing two means. In Field, A. (Ed.), *Discovering statistics using SPSS* (316-346). SAGE Publications.
- Field, A. (2009b). Non-parametric tests. In Field, A. (Ed.), *Discovering statistics using SPSS* (573-583). SAGE Publications.
- Foo, L., & Margolin G. (1995). A Multivariate Investigation of Dating Aggression. *Journal of Family Violence*, 10(4), 351-377.
<https://link.springer.com/content/pdf/10.1007/BF02110711.pdf>
- Gama, A., Pedro, A. R., Carvalho, M. J. L., Guerreiro, A. E., Duarte, V., Quintas, J., Matias, A., Keygnaet, I., & Dias, S. (2021). Domestic Violence during the COVID-19 pandemic in Portugal. *Portuguese Journal of Public Health*, 38(suppl 1), 32-40. <https://www.karger.com/Article/Pdf/514341>

- Gomes, N. P., Diniz, N. M. F., Araújo, A. J. S., & Coelho, T. M. F. (2007). Compreendendo a violência doméstica a partir das categorias gênero e geração. *Acta Paul Enferm*, 20(4), 504-508. <https://www.scielo.br/j/ape/a/RG45btYr33PhBZfGPWzsFpB/?format=pdf&lang=pt>
- Gonçalves, M., Silva, M. M., & Matos, M. (2021). Violência na intimidade: Crenças da comunidade Africana Lusófona residente em Portugal. *Revista Psicologia*, 35(1), 1-10. <https://revista.appsicologia.org/index.php/rpsicologia/article/view/1448/1028>
- Guerreiro, A., Pontedeira, C., Sousa, R., Magalhães, M. J., Oliveira, E., & Ribeiro, P. (2015). Intimidade e violência no namoro: Refletir a problemática nos/as jovens. *Ces contexto*, (10), 14-26. <https://core.ac.uk/download/pdf/302954784.pdf>
- Hernández, J. M. (2021). Criminología feminista. Una revisión bibliográfica. *Asparkia*, 39, 233-253. <https://www.e-revistas.uji.es/index.php/asparkia/article/view/4584/6774>
- Instituto cabo-verdiano para a Igualdade e Equidade de Género (ICIEG). (2021). *Plano Nacional de Igualdade de Género*. Praia: Instituto Cabo-Verdiano para a Igualdade e Equidade de Género. <http://www.mfis.gov.cv/index.php/documentos?fbclid=IwAR28MjWnOjvBgCeZcKTs2YdJCMGsJ95Djrtt2vropGwtAN4iJLFzOXHLPTs>
- Instituto cabo-verdiano para a Igualdade e Equidade de Género. (2006). *Plano nacional de combate à Violência baseada no Género*. Praia: ICIEG
- Instituto Nacional de Estatística (INE) & Instituto cabo-verdiano para a Igualdade e Equidade de Género (ICIEG). (2015). *Mulheres e Homens em Cabo Verde. Factos*

e Números 2015. INE. <https://ine.cv/en/publicacoes/mulheres-e-homens-em-cabo-verde-factos-e-numeros-2015/>

Instituto Nacional de Estatística (INE) & Instituto cabo-verdiano para a Igualdade e Equidade de Género (ICIEG). (2017). *Mulheres e Homens em Cabo Verde. Factos e Números 2017*. INE. <https://ine.cv/publicacoes/mulheres-homens-cabo-verde-factos-numeros-2017/>

Instituto Nacional de Estatística (INE) [Cabo Verde], Ministério da Saúde & Macro Internacional (2008). *Segundo Inquérito Demográfico e de Saúde Reprodutiva, Cabo Verde, IDSR-II, 2005*. Calverton, Maryland, USA: INE. <https://dhsprogram.com/pubs/pdf/FR203/FR203.pdf>

Instituto Nacional de Estatística (INE) [Cabo Verde], Ministério da Saúde e da Segurança Social (2020). *Inquérito Demográfico e de Saúde Reprodutiva, IDSR-II, Cabo Verde 2018*. Praia, Cabo Verde e Columbia, Maryland. <https://ine.cv/fr/publicacoes/inquerito-demografico-saude-reprodutiva-isdr-iii-2018/>

João, F. R., & Lourenço, L. M. (2017). O papel das crenças na origem e manutenção da violência: uma abordagem teórica. *Psicologia*, 1-24. <https://www.psicologia.pt/artigos/textos/A1125.pdf>

Lei n.º 117/IX/2021 da Assembleia Nacional. (2021). «B.O.» da República de Cabo Verde: I Série, n.º 15. <http://www.ministeriopublico.cv/index.php/component/jdownloads/send/10-ministerio-publico-na-jurisdicao-crimninal/343-alteracao-e-republicacao-do-codigo-penal>

Lei n.º 70/2019 da Assembleia da República. (2019). Diário da República: I Série, n.º 167.

https://www.pgdlisboa.pt/leis/lei_mostra_articulado.php?artigo_id=3172A0009&nid=3172&tabela=leis&pagina=1&ficha=1&so_miolo=&nversao=

Lei n.º 84/VII/2021 da Assembleia Nacional. (2011). «B.O.» da República de Cabo Verde: I Série, n.º 2. <https://kiosk.incv.cv/V/2011/1/10/1.1.2.38/p69>

Ludin, S., Bottiani, J. H., Debnam, K., Solis, M. G. O., & Bradshaw, C. P. (2018). A Cross-National Comparison of Risk Factors for Teen Dating Violence in Mexico and the United States. *J Youth Adolescence*, (47), 547-559.
<https://link.springer.com/content/pdf/10.1007/s10964-017-0701-9.pdf>

Magalhães, M. J., Guerreiro, A., Teixeira, A. M., Dias, A. T., Pontedeira, C., Cordeiro, J., Silva, M., Ribeiro, P., & Mendes, T. (2017). Violência no namoro: uma análise quantitativa da sua legitimação e prevalência em contexto juvenil. In Magalhães, M. J., Teixeira, A. M., Dias, A. T., Cordeiro, J., Silva, M., & Mendes, T. (Eds.), *Prevenir a Violência Construir a Igualdade* (145-159). UMAR.
http://artthemis.umarfeminismos.org/wpcontent/uploads/2020/12/2017_MJMetal_LivroArt_Themis.pdf

Manita, C., Ribeiro, C., & Peixoto, C. (2009). *Violência doméstica: Compreender para Intervir, Guia de Boas Práticas para Profissionais de Saúde*. (1ª ed.). Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género.
https://www.cig.gov.pt/siic/pdf/2014/siicVD4_GBP_Profissionais_de_saude.pdf

Marin, A. J., & Russo, N. F. (2014). Feminist Perspectives on Male Violence against Women: Critiquing O'Neil and Harway's Model. In Harway, M., & O'Neil, J (Eds.), *What Causes Men's Violence against Women?* (18-36). SAGE

Publications. <https://sk.sagepub.com/books/what-causes-mens-violence-against-women>

Martins, C. (2011). *Manual de análise de dados quantitativos com recurso ao IBM SPSS: Saber decidir, fazer, interpretar e redigir*. (1ª Ed.). Psiquilíbrios Edições. <https://wiac.info/docview>

Mate, I. L., Sidat, M., & Mitano, F. (2020). Violência doméstica e o papel das crenças culturais na sua ocorrência e persistência na perspectiva das vítimas e agressores: um estudo fenomenológico. *Revista Científica UEM*, 2(2), 17-34. <http://196.3.97.23/revista/index.php/edu/article/view/106/105>

Medina, M. (2020). *Se causa dor não é amor – Relatos de violência no namoro em Cabo Verde*. (1ª ed.). LPC.

Miller, E., & McCaw, B. (2019). Intimate partner violence. *New England Journal of Medicine*, 380(9), 850–857. https://www.researchgate.net/publication/331410224_Intimate_Partner_Violence

Monteiro, M. L., Silva, A. M. M., & Leitão, M. N. C. (2019). Apresentação e Discussão de Resultados do Contexto Cabo-Verdiano. In Leitão M. N., Fernandes, M. L., Fonseca, R. M., & Pina-Roche, F. (Eds.), *Violência nas Relações de Intimidade Envolvendo Adolescentes à Luz de Género e Geração: Estudo multicêntrico luso-hispano-brasileiro-cabo-verdiano* (97-122). Escola Superior de Enfermagem de Coimbra.

Moreira, D., Costa, M. (2020). The impact of the COVID-19 pandemic in the precipitation of intimate partner violence. *International Journal of Law and Psychiatry*, 71, 1-6.

<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0160252720300650?via%3DiHub>

Murray, C. E., & Kardatzke, K. N. (2007). Dating Violence among college students: Key issues for college counselors. *Journal of College Counseling*, 10, 79-89.
http://libres.uncg.edu/ir/uncg/f/C_Murray_Dating_2007.pdf

Neto, F. (1998). *Psicologia Social*. Universidade Aberta.

Neves, A. S., & Torres, J. (2015). Relações sociais de género e violência na intimidade: Discursos de jovens cabo-verdianos/as. *Sociedade Portuguesa de Psiquiatria e Psicologia da Justiça*, (7), 114-137.

Neves, A. S., Cameira, M., Machado, M., Duarte, V., & Machado, F. (2016). Beliefs on Marital Violence and Self-Reported Dating Violence: A Comparative Study of Cape Verdean and Portuguese Adolescents. *Journal of Child & Adolescent Trauma*, 1-10.
<https://repositorio.ismai.pt/bitstream/10400.24/577/1/2016NevesCameiraMachadoDuarte%26Machado.pdf>

Neves, S. & Torres, J. (2016). Violências no namoro na comunidade cabo-verdiana em Portugal: Que desafios para o Ensino Superior?. *Revista da Sociedade Portuguesa de Psiquiatria e Psicologia da Justiça*, 223-231.

Neves, S. (2014a). De vítimas a agressoras: A (aparente) dupla posição das raparigas na violência no namoro heterossexual. In V. Duarte & M. I. Cunha (Coord.) *Violências e Delinquências juvenis femininas: género e (in)visibilidades sociais* (63-76). Famalicão: Editora Húmus. 978-989-755-034-8

- Neves, S. (2014b). Violência no namoro: conhecer para educar, educar para prevenir. In L. Valente Monteiro (Coord.), *Manual de Boas Práticas para as Comissões de Proteção de Crianças e Jovens* (142-149). Porto: Associação Projeto Criar
- Neves, S., & Fávero, M. (2010). A Vitimologia e os seus percursos históricos, teóricos e epistemológicos. In Neves, S., & Fávero, M. (Eds.), *Vitimologia – Ciência e Activismo* (13-48). Almedina
- Neves, S., & Torres, J. (2015). Relações sociais de género e violência na intimidade: Discursos de jovens cabo-verdianos/as. *Psiquiatria, Psicologia & Justiça*, (7), 114-137.
- Neves, S., Correia, A., Borges, J., Rocha, H., Costa, S., Peixoto, S., Rodrigues, C., Duarte, A., & Allen, P. (2022). Estudo Nacional sobre a Violência no Namoro no Ensino Superior: Crenças e Práticas – 2020/2021. https://drive.google.com/file/d/1Lskwe5kUYDilqVPhBuEML2_NZ2GDTunI/view
- Neves, S., Ferreira, M., Abreu, A. L., & Borges, J. (2019b). Estudo Nacional sobre a Violência no Namoro em Contexto Universitário: Crenças e Práticas – 2017/2019. https://drive.google.com/file/d/1_29M_1_WjPoAi4YWB6rVmbFgl3lXzpN0/view
- Neves, S., Machado, M., Machado, F., & Pinheiro, F. (2019a). Attitudes toward Intimate Partner Violence and Intimate Partner Acceptance-Rejection among Cape Verdean students living in Portugal. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 35, 1-11. <https://www.scielo.br/j/ptp/a/94SnqrB6qqtMRBkwTGgQY8R/?format=pdf&lang=en>

- Niolon, P. H., Kearns, M., Dills, J., Rambo, K., Irving, S., Armstead, T., & Gilbert, L. (2017). *Preventing Intimate Partner Violence Across the Lifespan: A Technical Package of Programs, Policies, and Practices*. Centers for Disease Control and Prevention. <https://www.cdc.gov/violenceprevention/pdf/ipv-technicalpackages.pdf>
- Nogueira, C. (2001). Feminismo e Discurso do Gênero na psicologia Social. *Psicologia & Sociedade: revista da Associação Brasileira de Psicologia Social*, 107-128. <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/4117/1/feminismo%20e%20discurso%20do%20g%C3%A9nero%20na%20psicologia%20social.pdf>
- Oliveira, M. S., & Sani, A. I. (2005). Comportamentos dos jovens universitários face à violência nas relações amorosas [Congresso]. Congresso Galaico-Português de Psicopedagogia, Braga. <https://www.educacion.udc.es/grupos/gipdae/documentos/congreso/viiiicongreso/pdfs/126.pdf>
- Oliveira, M. S., & Sani, A. I. (2009). A Intergeracionalidade da Violência nas Relações de Namoro. *Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais*, 162-170. https://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/1325/1/162-170_FCHS06-6.pdf
- Organização Mundial da Saúde (OMS). (2014). *Relatório Mundial Sobre a Prevenção da Violência 2014*. (1ª ed.). Organização Mundial da Saúde. <https://nev.prp.usp.br/wp-content/uploads/2015/11/1579-VIP-Main-report-Pt-Br-26-10-2015.pdf>
- Organização Mundial da Saúde. (2015). *Prevenindo a violência juvenil: um panorama das evidências*. (1ª ed.). Organização Mundial da Saúde.

<https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/181008/9789241509251-por.pdf;jsessionid=3A27F3E8296F6094951DDCF0776342F3?sequence=5>

- Pérez-Marco, A., Soares, P., Davó-Blanes, M. C., & Vives-Cases, C. (2020). Identifying Types of Dating Violence and Protective Factors among Adolescents in Spain: A Qualitative Analysis of Lights4Violence Materials. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, (17), 1-11.
https://www.researchgate.net/publication/340456423_Identifying_Types_of_Dating_Violence_and_Protective_Factors_among_Adolescents_in_Spain_A_Qualitative_Analysis_of_Lights4Violence_Materials
- Poiares, N. (2020). Violência doméstica, polícia e COVID-19. *Polícia portuguesa*, 1, 37-39. <http://hdl.handle.net/20.500.12207/5270>
- Rubio-Garay, F., López-González, M. A., Carrasco, M. Á., & Amor, P. J. (2017). The prevalence of dating violence: a systematic review. *Psychologist Papers*, 38(2), 135-147. <http://www.papelesdelpsicologo.es/English/2831.pdf>
- Saffioti, H. I. B. (2001). Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero. *Cadernos Pagu*, (16), 115-136.
https://www.researchgate.net/publication/285905598_Contribuicoes_feministas_para_o_estudo_da_violencia_de_genero
- Santos, R. G., Moreira, J. G., Fonseca, A. L. G., Filho, A. S. G., & Ifadireo, M. M. (2019). Violência contra a Mulher à Partir das Teorias de Gênero. *Revista Multidisciplinar e de Psicologia*, 13(44), 97-117.
<https://idonline.emnuvens.com.br/id/article/view/1476/2363>
- Torres, J. C. M. (2014). *Violência e representações sociais de gênero: discursos de jovens imigrantes cabo-verdianos* [Tese de Mestrado, ISMAI]. Repositório Científico do

ISMAI.

<https://repositorio.ismai.pt/bitstream/10400.24/335/1/tese%20Joana%20Torres.pdf>

Vagi, K. J., Rothman, E. F., Latzman, N. E., Tharo, A. T., Hall, D. M., & Breiding, M. J. (2013). Beyond correlates: a review of risk and protective factors for adolescent dating violence perpetration. *J Youth Adolescence*, 633-649.
<https://link.springer.com/content/pdf/10.1007/s10964-013-9907-7.pdf>

Ventura, M. C. A. A., Frederico-Ferreira, M. M., & Magalhães, M. J. S. (2013). Violência nas relações de intimidade: crenças e atitudes de estudantes do ensino secundário. *Revista de Enfermagem*, (11), 95-93.
https://www.fpce.up.pt/love_fear_power/pdfs/Ventura_FredericoFerreira_Magalhaes_2013_dating_violence.pdf

Vives-Cases, C., Davo-Blanes, M.C., Ferrer-Cascales, R., Sanz-Barbero, B., Albaladejo-Blázquez, N., Sánchez-San Segundo, M., Lollo-Crespo, M., Bowes, N., Neves, S., Mocanu, V., Carauso, E.M., Pyzalski, J., Forjaz, M. J., Chmura-Rutkowska, I., Vieira, C.P., & Corradi, C. (2019). Lights4Violence: a quasi-experimental educational intervention in six European countries to promote positive relationships among adolescents. *BMC Public Health*, 1-12.
http://www.lights4violence.eu/sites/default/files/vives-cases_et_al.pdf

Walker, L. E. A. (2009). *The battered woman syndrome*. (3rd ed.). Springer.
[https://yunus.hacettepe.edu.tr/~cin/Criticism%20of%20the%20Western%20Society%20&%20Civilization%20%20Collection%205/Domestic%20Violence/Walker%20-%20The%20Battered%20Woman%20Syndrome%20\(2009\).pdf](https://yunus.hacettepe.edu.tr/~cin/Criticism%20of%20the%20Western%20Society%20&%20Civilization%20%20Collection%205/Domestic%20Violence/Walker%20-%20The%20Battered%20Woman%20Syndrome%20(2009).pdf)

White, J. W. (2009). A gendered approach to adolescent dating violence: conceptual and methodological issues. *Psychology of Women Quarterly*, 33, 1-15.

<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.1111/j.1471-6402.2008.01467.x>

Anexos

ANEXO I. Questionário sobre Violência no Namoro no Ensino Universitário cabo-verdiano – Estudo sobre Crenças e Práticas

Violência no Namoro no Ensino Universitário cabo-verdiano – Estudo sobre crenças e práticas

O presente estudo visa caracterizar a violência no namoro no Ensino Superior cabo-verdiano, analisando as crenças e as práticas de estudantes de todos os sexos, independentemente de terem sido ou não vítimas deste crime.

A investigação está a ser conduzida pela licenciada Arimery Antunes, no âmbito da sua dissertação de Mestrado em Criminologia no Instituto Universitário da Maia (ISMAI), orientada pela Prof.^a Doutora Sofia Neves e pela Prof. Doutora Janete Borges.

Este estudo utiliza como referência o Estudo Nacional sobre a Violência no Namoro no Ensino Superior: Crenças e Práticas feito em Portugal, desde 2017, pela Associação Plano, no âmbito do programa UNi+.

Para participar, certifique-se de que:

1. Frequenta o Ensino Superior em Cabo Verde;
2. Compreende fluentemente a língua portuguesa;
3. É a primeira vez que responde a este questionário.

Todos os preceitos éticos são devidamente acautelados pela investigadora, nomeadamente aqueles que dizem respeito ao anonimato e confidencialidade.

Os dados serão usados para o mapeamento e caracterização do fenómeno, em termos das suas crenças e práticas, bem como para o reforço da prevenção e do combate à violência no namoro em Cabo Verde.

Para mais informações ou para o esclarecimento de alguma dúvida poderá contactar através do e-mail: a034222@ismai.pt

Agradeço a sua

colaboração,

Pela investigadora:

Arimery Antunes

***Obrigatório**

Consentimento Informado

NÃO COPIAR

1. Declaro que compreendi o objetivo do Estudo e autorizo a análise das minhas
*respostas pela investigadora

Marcar apenas uma oval.

☐ Sim

☐ Não

Dados sociodemográficos

Indique o seu sexo/identidade de género *

Marcar apenas uma oval.

☐ Feminino

☐ Masculino

☐ Outro

Indique a sua idade *

Indique a sua orientação sexual *

Marcar apenas uma oval.

☐ Heterossexual

☐ Gay

☐ Lésbica

☐ Bissexual

☐ Outra

Indique a sua nacionalidade *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Cabo-verdiana
- ☐ Outra

Indique o seu estado civil *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Solteiro
- ☐ União de facto
- ☐ Casado
- ☐ Divorciado
- ☐ Viúvo
- ☐ Outro

Indique o seu nível de escolaridade concluído *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Ensino Secundário
- ☐ Ensino Superior - Licenciatura
- ☐ Ensino Superior - Mestrado
- ☐ Ensino Superior -Doutoramento

Indique a sua ilha de origem *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Santo Antão
- ☐ São Vicente
- ☐ São Nicolau
- ☐ Sal
- ☐ Boa
- ☐ Vista
- ☐ Maio
- ☐ Santiago
- ☐ Fogo
- ☐ Brava

Indique a sua área de formação *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Ciências
- ☐ Saúde
- ☐ Tecnologias
- ☐ Ciências da Educação
- ☐ Direito, Ciências Sociais e Serviços
- ☐ Economia, Gestão e Contabilidade
- ☐ Educação Física, Desporto e Artes do
- ☐ Espetáculo Humanidades, Secretariado e
- ☐ Tradução Arquitetura, Artes Plásticas e Design
- ☐ Agricultura e Recursos Naturais

Indique o tipo de instituição de Ensino Superior que frequenta *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Pública
- ☐ Privado

Indique a sua situação atual

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Estudante
- ☐ Trabalhador/a-estudante

Crenças de género

Responda por favor às seguintes questões, assinalando a que melhor reflete o seu modo de pensar: não concordo, não concordo nem discordo ou concordo. Responda de acordo com aquilo que pensa e não como acha que deveria ser. Não há respostas certas ou erradas.

1. A família deve ser a prioridade das mulheres. *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Não concordo
- ☐ Não concordo, nem discordo
- ☐ Concordo

2. As mulheres que se portam mal devem ser castigadas pelos seus parceiros. *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Não concordo
- ☐ Não concordo, nem discordo
- ☐ Concordo

3. As mulheres que não desejam ser mães não são verdadeiras mulheres. *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Não concordo
- ☐ Não concordo, nem discordo
- ☐ Concordo

4. Os homens podem ser tão bons pais quanto as mulheres boas mães. *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Não concordo
- ☐ Não concordo, nem discordo
- ☐ Concordo

5. As mulheres apreciam homens agressivos. *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Não concordo
- ☐ Não concordo, nem discordo
- ☐ Concordo

6. Se as mulheres não trabalhassem fora de casa as crianças seriam melhor
*educadas.

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Não concordo
- ☐ Não concordo, nem discordo
- ☐ Concordo

7. As mulheres são vítimas de violência sexual porque provocam os homens. *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Não concordo
- ☐ Não concordo, nem discordo
- ☐ Concordo

8. Uma mulher que investe mais na carreira do que na família não é uma boa mãe nem uma boa companheira. *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Não concordo
- ☐ Não concordo, nem discordo
- ☐ Concordo

20. 9. Homens e mulheres devem partilhar as tarefas domésticas. *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Não concordo
- ☐ Não concordo, nem discordo
- ☐ Concordo

10. Os homens devem gozar a licença parental. *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Não concordo
- ☐ Não concordo, nem discordo
- ☐ Concordo

11. É gratificante para as mulheres ouvir piropos (cantadas). *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Não concordo
- ☐ Não concordo, nem discordo
- ☐ Concordo

12. Os homens têm mais competências do que as mulheres para cargos de liderança. *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Não concordo
- ☐ Não concordo, nem discordo
- ☐ Concordo

13. As mulheres devem ser mais recatadas do que os homens. *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Não concordo
- ☐ Não concordo, nem discordo
- ☐ Concordo

14. Algumas situações de violência doméstica são provocadas pelas mulheres. *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Não concordo
- ☐ Não concordo, nem discordo
- ☐ Concordo

15. As mulheres podem ser tão violentas quanto os homens. *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Não concordo
- ☐ Não concordo, nem discordo
- ☐ Concordo

16. Meninos e meninas devem ser educados/as de forma diferente. *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Não concordo
- ☐ Não concordo, nem discordo
- ☐ Concordo

17. O ciúme é uma prova de amor. *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Não concordo
- ☐ Não concordo, nem discordo
- ☐ Concordo

18. As mulheres são mais sensíveis do que os homens. *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Não concordo
- ☐ Não concordo, nem discordo
- ☐ Concordo

19. Homens e mulheres devem ter direitos e deveres iguais. *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Não concordo
- ☐ Não concordo, nem discordo
- ☐ Concordo

20. Os homens devem assumir a chefia da família. *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Não concordo
- ☐ Não concordo, nem discordo
- ☐ Concordo

21. As mulheres que têm cargos de poder comportam-se como homens. *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Não concordo
- ☐ Não concordo, nem discordo
- ☐ Concordo

22. A violência doméstica é um problema que deve ser resolvido em casa. *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Não concordo
- ☐ Não concordo, nem discordo
- ☐ Concordo

23. O sonho de qualquer mulher é casar. *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Não concordo
- ☐ Não concordo, nem discordo
- ☐ Concordo

24. As mulheres que se mantêm em relações amorosas violentas são masoquistas.

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Não concordo
- ☐ Não concordo nem discordo
- ☐ Concordo

**Crenças
sobre a
violência
no
namoro**

Responda por favor às seguintes questões, assinalando a que melhor reflete o seu modo de pensar: não concordo, não concordo nem discordo ou concordo. Responda de acordo com aquilo que pensa e não como acha que deveria ser. Não há respostas certas ou erradas.

1. Os rapazes praticam mais violência no namoro do que as raparigas. *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Não concordo
- ☐ Não concordo, nem discordo
- ☐ Concordo

2. As raparigas que sofrem violência no namoro resistem em pedir ajuda. *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Não concordo
- ☐ Não concordo, nem discordo
- ☐ Concordo

3. A violência no namoro é menos grave do que a violência que ocorre no casamento. *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Não concordo
- ☐ Não concordo, nem discordo
- ☐ Concordo

4. A forma mais comum de violência no namoro é a violência física. *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Não concordo
- ☐ Não concordo, nem discordo
- ☐ Concordo

5. Os rapazes tendem a legitimar a violência sexual contra as raparigas. *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Não concordo
- ☐ Não concordo, nem discordo
- ☐ Concordo

6. A violência no namoro é uma forma de violência doméstica. *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Não concordo
- ☐ Não concordo, nem discordo
- ☐ Concordo

7. As raparigas praticam mais violência psicológica do que os rapazes. *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Não concordo
- ☐ Não concordo, nem discordo
- ☐ Concordo

8. Os/As jovens recorrem, cada vez mais, às tecnologias de informação e
*comunicação para ameaçar os/as parceiros/as.

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Não concordo
- ☐ Não concordo, nem discordo
- ☐ Concordo

9. Nas relações entre pessoas gays e lésbicas há menos violência no namoro
*do que nas relações entre pessoas heterossexuais.

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Não concordo
- ☐ Não concordo, nem discordo
- ☐ Concordo

10. Rapazes que praticam violência no namoro tendem a tornar-se agressores *
nas suas relações amorosas adultas.

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Não concordo
- ☐ Não concordo, nem discordo
- ☐ Concordo

11. Rapazes e raparigas podem ser igualmente violentos. *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Não concordo
- ☐ Não concordo, nem discordo
- ☐ Concordo

12. A violência no namoro é um fenómeno pontual e pouco grave. *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Não concordo
- ☐ Não concordo, nem discordo
- ☐ Concordo

13. O controlo é uma das formas mais típicas de violência no namoro. *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Não concordo
- ☐ Não concordo, nem discordo
- ☐ Concordo

14. As raparigas que sofrem violência no namoro permanecem nas relações
*porque gostam de ser vítimas. *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Não concordo
- ☐ Não concordo, nem discordo
- ☐ Concordo

15. As consequências da violência praticada pelos rapazes são mais graves do *
que a praticada pelas raparigas.

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Não concordo
- ☐ Não concordo, nem discordo
- ☐ Concordo

16. O ciúme é a causa maior da violência no namoro. *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Não concordo
- ☐ Não concordo, nem discordo
- ☐ Concordo

17. A violência aumenta o prazer nas relações sexuais. *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Não concordo
- ☐ Não concordo, nem discordo
- ☐ Concordo

18. As vítimas de violência no namoro devem denunciar a sua situação às
*autoridades policiais. *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Não concordo
- ☐ Não concordo, nem discordo
- ☐ Concordo

19. Os/As agressores/as têm habitualmente problemas mentais. *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Não concordo
- ☐ Não concordo, nem discordo
- ☐ Concordo

20. Hoje em dia só se mantém numa relação abusiva quem quer. *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Não concordo
- ☐ Não concordo, nem discordo
- ☐ Concordo

21. Os namorados têm o direito de controlar o que as namoradas vestem. *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Não concordo
- ☐ Não concordo, nem discordo
- ☐ Concordo

22. Numa relação de namoro uma bofetada não faz mal a ninguém. *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Não concordo
- ☐ Não concordo, nem discordo
- ☐ Concordo

23. Os namorados e as namoradas devem partilhar as credenciais das redes
*sociais e ter acesso aos emails uns dos outros.

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Não concordo
- ☐ Não concordo, nem discordo
- ☐ Concordo

24. As raparigas são mais controladoras do que os rapazes nas relações
*amorosas.

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Não concordo
- ☐ Não concordo, nem discordo
- ☐ Concordo

25. A violência no namoro tem consequências muito graves para as vítimas. *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Não concordo
- ☐ Não concordo, nem discordo
- ☐ Concordo

Relações Juvenis Violentas

Namora atualmente? *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Sim
- ☐ Não, mas já namorei no passado
- ☐ Não, nunca namorei

NÃO COPIAR

Relações
Juvenis
Violentas

Considerando a sua experiência de vida, responda a cada uma das situações apresentadas em baixo assinalando uma das opções possíveis (nunca me aconteceu, já sofri, já fiz ou já sofri e já fiz). Não há respostas certas ou erradas.

NÃO COPIAR

Na relação com o/a meu/minha parceiro/a ou ex-parceiro/a: *

Marcar apenas uma oval por linha.

	Nunca me aconteceu	Já sofri	Já fiz	Já sofri e já fiz
Culpar, criticar, insultar, difamar, acusar sem razão.	☐	☐	☐	☐
Recorrer às tecnologias de comunicação para ameaçar ou chantagear (e.g., WhatsApp, Instagram, Facebook, telemóvel, e-mail ou outras).	☐	☐	☐	☐
Não permitir que trabalhe, estude e/ou saia sozinho/a.	☐	☐	☐	☐
Obrigar a ter comportamentos sexuais não desejados (e.g., ver pornografia, fazer sexo oral, fazer sexo anal ou ter relações sexuais com outras pessoas).	☐	☐	☐	☐
Impedir o contacto com a família, amigos/as, vizinhos/as (e.g., proibir de falar com alguém, tirar ou desligar o telemóvel).	☐	☐	☐	☐
Ficar com todo o dinheiro ou limitar/controlar os gastos pessoais.	☐	☐	☐	☐
Mexer nas coisas pessoais sem autorização (e.g., conta de e-mail, perfil das redes sociais, bolsos do casaco, telemóvel, carteira, agenda).	☐	☐	☐	☐
Fazer ameaças de morte, atentar contra a vida ou causar ferimentos que obriguem a receber tratamento médico.	☐	☐	☐	☐
Aparecer de repente em locais públicos para vigiar ou controlar (e.g., escola) e/ou perseguir (e.g., a pé, de carro ou de mota) ou pedir a outros que o façam	☐	☐	☐	☐

Ameaçar verbalmente ou através de comportamentos que causem medo (e.g., gritando, partindo objetos, rasgando a roupa)

☐☐☐☐

NÃO COPIAR

Controlar a forma de vestir, o penteado ou a imagem, os locais frequentados ou as amizades ou companhias	☐	☐	☐	☐
Ignorar, desprezar, humilhar, envergonhar ou tratar com indiferença	☐	☐	☐	☐
Ameaçar ou ferir utilizando armas (e. g., faca, bastão, pistola) e/ou a força física	☐	☐	☐	☐
Magoar fisicamente, empurrar, pontapear, esbofetear ou dar murros ou cabeçadas	☐	☐	☐	☐
Magoar fisicamente ou ameaçar magoar pessoas próximas (e. g., família, amigos/as))	☐	☐	☐	☐
Divulgar imagens ou vídeos pessoais, de cariz sexual, sem consentimento	☐	☐	☐	☐
Dizer mal ou lançar boatos na escola ou em locais ou grupos frequentados regularmente	☐	☐	☐	☐
Estrangular, asfixiar, atropelar ou ferir com gravidade ou tentar fazê-lo	☐	☐	☐	☐
Ameaçar, difamar ou agredir no caso de denunciar ou manifestar vontade de denunciar a terceiros a violência sofrida	☐	☐	☐	☐
Forçar a ter relações sexuais	☐	☐	☐	☐
Ameaçar divulgar publicamente a orientação sexual	☐	☐	☐	☐

Esta secção destina-se a indivíduos que estão ou estiveram numa relação de

*****namoro durante o período de março de 2020 (início do confinamento) até ao momento atual. Se este não é o seu caso, selecione a opção "Não", caso contrário selecione a opção "Sim".

Marcar apenas uma oval.

☐ Sim

☐ Não

Avançar para a secção 11 (Recursos na área da violência doméstica em Cabo Verde)

Violência no namoro e Covid-19

As respostas que se seguem referem-se ao período de Março de 2020 (início do primeiro confinamento) até ao momento atual

Reconhece que a sua relação: *

Marcar apenas uma oval.

☐ Não era abusiva antes do confinamento e manteve-se igual

☐ Não era abusiva antes do confinamento e passou a ser

☐ Foi abusiva durante o confinamento e manteve-se igual

☐ Foi abusiva durante o confinamento e deixou, entretanto, de ser

Observações

Caso pretenda poderá deixar aqui algum comentário e/ou o seu contacto de email para que possamos esclarecer alguma questão.

Recursos na
área da
violência
doméstica
emCabo
Verde

No caso de ser vítima ou ex-vítima de violência no namoro e estudante do Ensino Superior poderá recorrer:

Ao facebook do Centro Apoio às Vítimas (CAV):

<https://www.facebook.com/apoiovbv/>;

No caso de precisar de ajuda ou tiver conhecimento de alguma situação de violência baseada no género, ligue 132 (linha gratuita de denúncia que funciona 24 horas por dia e é acessível a todas as redes móveis).

Durante o período da pandemia poderá ainda aceder aos seguintes serviços:

- violencia.covid@icieg.gov.cv: Serviço de correio eletrónico (para colocar questões, pedidos de apoio e de suporte emocional);
- 110: Linha SMS grátis e acessível a todas as redes móveis, caso não consiga falar;
- 8001112: Linha Verde (que o/a informará e lhe dirá o que fazer, alertando os apoios mais próximos de si);
- 8001020: Linha de apoio do Instituto Cabo-verdiano da Criança e do Adolescente;
- 3561609: Linha atendimento, aconselhamento, informação e sensibilização da Associação cabo-verdiana de Luta contra Violência Basada no Género;

Muito obrigada pela sua colaboração.

Este conteúdo não foi criado nem aprovado
pela Google.

Google Formulários

Anexo II. Análise descritiva dos dados sociodemográficos

Tabela 1

Dados sociodemográficos

		n	%
Orientação sexual	Heterossexual	267	88.7
	Gay	1	0.3
	Lésbica	1	0.3
	Bissexual	23	7.6
	Outra	9	3.0
Nacionalidade	Cabo-verdiana	294	97.7
	Outra	9	2.3
Ilha de origem	São Vicente	145	48.2
	Santo Antão	74	24.6
	São Nicolau	14	4.7
	Sal	12	4.0
	Santiago	48	15.9
	Fogo	6	2.0
	Brava	2	0.7
	Boavista	0	0
	Maio	0	0
Nível de escolaridade	Ensino Secundário	137	45.5
	Licenciatura	154	51.2
	Mestrado	8	2.7
	Doutoramento	2	0.7
	Economia, Gestão e Contabilidade	121	40.2

Área de formação	Direito, Ciências Sociais e Serviços	46	15.3
	Ciências	43	14.3
	Tecnologias	24	8.0
	Humanidades, Secretariado e Tradução	24	8.0
	Saúde	17	5.6
	Ciências da Educação	12	4.0
	Arquitetura, Artes Plásticas e Design	12	4.0
	Educação Física, Desporto e Artes do Espetáculo	1	0.3
	Agricultura e Recursos Naturais	1	0.3
Estado Civil	Solteiro/a	248	82.4
	União de facto	25	8.3
	Casado/as	14	4.7
	Divorciados/as	2	0.7
	Nenhuma das opções	12	4.0
Tipo Instituição Ensino	Pública	92	30.6
	Privada	209	69.4
Situação Atual	Estudante	198	66.9
	Estudante-Trabalhador	98	33.1

Anexo III. Tabela da análise descritiva do Inventário sobre Crenças de Género

Tabela 2

Análise descritiva do Inventário sobre as Crenças de Género

Item	“Não concordo”		“Não concordo, nem discordo”		“Concordo”		M	DP
	n	%	n	%	n	%		
“A família deve ser a prioridade das mulheres.”	107	35.5	135	44.9	59	19.6	1.84	.727
“As mulheres que se portam mal devem ser castigadas pelos seus parceiros.”	297	98.7	4	1.3	0	0	1.01	.115
“As mulheres que não desejam ser mães não são verdadeiras mulheres.”	278	92.4	19	6.3	4	1.3	1.09	.330
“Os homens podem ser tão bons pais quanto as mulheres boas mães.”	6	2.0	6	2.0	289	96.0	2.94	.311
“As mulheres apreciam homens agressivos.”	234	77.7	62	20.6	5	1.7	1.24	.465
“Se as mulheres não trabalhassem fora de casa as crianças seriam melhor educadas.”	231	76.7	58	19.3	12	4.0	1.27	.528
“As mulheres são vítimas de violência sexual porque provocam os homens.”	266	88.4	31	10.3	4	1.3	1.13	.374
“Uma mulher que investe mais na carreira do que na família não é uma boa mãe nem uma boa companheira.”	186	61.8	92	30.6	23	7.6	1.46	.634
“Homens e mulheres devem partilhar as tarefas domésticas.”	2	0.7	4	1.3	295	98.0	2.97	.198

“Os homens devem gozar a licença parental.”	22	7.3	48	15.9	231	76.7	2.69	.600
“É gratificante para as mulheres ouvir piropos (cantadas).”	172	57.1	101	33.6	28	9.3	1.52	.661
“Os homens têm mais competências do que as mulheres para cargos de liderança.”	259	86.0	36	12.0	6	2.0	1.16	.418
“As mulheres devem ser mais recatadas do que os homens.”	199	66.1	90	29.9	12	4.0	1.38	.562
“Algumas situações de violência doméstica são provocadas pelas mulheres.”	193	64.1	63	20.9	45	15.0	1.51	.742
“As mulheres podem ser tão violentas quanto os homens.”	37	12.3	51	16.9	213	70.8	2.58	.700
“Meninos e meninas devem ser educados/as de forma diferente.”	256	85.0	24	8.0	21	7.0	1.22	.558
“O ciúme é uma prova de amor.”	185	61.5	97	32.2	19	6.3	1.45	.612
“As mulheres são mais sensíveis do que os homens.”	90	29.9	90	29.9	121	40.2	2.10	.832
“Homens e mulheres devem ter direitos e deveres iguais.”	12	4.0	16	5.3	273	90.7	2.87	.442
“Os homens devem assumir a chefia da família.”	190	63.1	84	27.9	27	9.0	1.46	.655
“As mulheres que têm cargos de poder comportam-se como homens.”	220	73.1	68	22.6	13	4.3	1.31	.550
“A violência doméstica é um problema que deve ser resolvido em casa.”	222	73.8	44	14.6	35	11.6	1.38	.685
“O sonho de qualquer mulher é casar.”	213	70.8	76	25.2	12	4.0	1.33	.550
“As mulheres que se mantêm em relações amorosas violentas são masoquistas.”	172	57.1	38	12.6	91	30.2	1.73	.897

Anexo IV. Tabela da análise descritiva do Inventário sobre Relações Juvenis Violentas

Tabela 3

Análise descritiva do Inventário sobre Relações Juvenis Violentas

Item	“Nunca me aconteceu”		“Já fiz”		“Já sofri”		“Já sofri e já fiz”	
	n	%	n	%	n	%	n	%
Na relação com o/a meu/minha parceiro/a:								
Culpar, criticar, insultar, difamar, acusar sem razão.	162	53.8	18	6.0	64	21.3	57	18.9
Recorrer às tecnologias de comunicação para ameaçar ou chantagear (e.g., WhatsApp, Instagram, Facebook, telemóvel, e-mail ou outras).	262	87.0	1	0.3	34	11.3	4	1.3
Não permitir que trabalhe, estude e/ou saia sozinho/a.	266	88.4	5	1.7	29	9.6	1	0.3
Obrigar a ter comportamentos sexuais não desejados (e.g., ver pornografia, fazer sexo oral, fazer sexo anal ou ter relações sexuais com outras pessoas).	286	95.0	2	0.7	11	3.7	2	0.7
Impedir o contacto com a família, amigos/as, vizinhos/as (e.g., proibir de falar com alguém, tirar ou desligar o telemóvel).	265	88.0	2	0.7	31	10.3	3	1.0
Ficar com todo o dinheiro ou limitar/controlar os gastos pessoais.	293	97.3	2	0.7	6	2.0	0	0

Mexer nas coisas pessoais sem autorização (e.g., conta de e-mail, perfil das redes sociais, bolsos do casaco, telemóvel, carteira, agenda).	199	66.1	27	9.0	39	13.0	36	12.0
Fazer ameaças de morte, atentar contra a vida ou causar ferimentos que obriguem a receber tratamento médico.	288	95.7	12	4.0	1	0.3	0	0
Aparecer de repente em locais públicos para vigiar ou controlar (e.g., escola) e/ou perseguir (e.g., a pé, de carro ou de mota) ou pedir a outros que o façam.	261	86.7	5	1.7	33	11.0	2	0.7
Ameaçar verbalmente ou através de comportamentos que causem medo (e.g., gritando, partindo objetos, rasgando a roupa).	257	85.4	6	2.0	35	11.6	3	1.0
Controlar a forma de vestir, o penteado ou a imagem, os locais frequentados ou as amizades ou companhias.	233	77.4	14	4.7	48	15.9	6	2.0
Ignorar, desprezar, humilhar, envergonhar ou tratar com indiferença.	229	76.1	7	2.3	52	17.3	13	4.3
Ameaçar ou ferir utilizando armas (e.g., faca, bastão, pistola) e/ou a força física.	287	95.3	1	0.3	13	4.3	0	0
Magoar fisicamente, empurrar, pontapear, esbofetear ou dar murros ou cabeçadas.	262	87.0	3	1.0	31	10.3	5	1.7

Magoar fisicamente ou ameaçar magoar pessoas próximas (e.g., família, amigos/as).	280	93.0	2	0.7	18	6.0	1	0.3
Divulgar imagens ou vídeos pessoais, de cariz sexual, sem consentimento.	294	97.7	6	2.0	1	0.3	0	0
Dizer mal ou lançar boatos na escola ou em locais ou grupos frequentados regularmente.	276	91.7	2	0.7	22	7.3	1	0.3
Estrangular, asfixiar, atropelar ou ferir com gravidade ou tentar fazê-lo.	287	95.3	13	4.3	1	0.3	0	0
Ameaçar, difamar ou agredir no caso de denunciar ou manifestar vontade de denunciar a terceiros a violência sofrida.	288	95.7	1	0.3	11	3.7	1	0.3
Forçar a ter relações sexuais.	272	90.4	3	1.0	25	8.3	1	0.3
Ameaçar divulgar publicamente a orientação sexual.	296	98.3	4	1.3	1	0.3	0	0